



OFICINA DE PERGUNTA CONSULTORIA E ASSESSORIA
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO - CPF DO SESC SÃO PAULO
2024

um mundo humano, artificialmente real.

INTELIGÊNCIA HUMANA,
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.





OFICINA DE PERGUNTA CONSULTORIA E ACESSORIA
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO - CPF DO SESC SÃO PAULO
2024

07

JOICE
BERTH

ARQUITETURA E
URBANISMO.
CASAS E CIDADES
REAIS E DIGITAIS.

um mundo humano, artificialmente real.
INTELIGÊNCIA HUMANA, INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.





OFICINA DE PERGUNTA CONSULTORIA E ASSESSORIA
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO - CPF DO SESC SÃO PAULO
2024



um mundo humano, artificialmente real.

INTELIGÊNCIA HUMANA,
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.

Ciclo de onze palestras que debatem sobre conhecimento humano e conhecimento artificial (existe?). Reflexões sobre inteligência humana e artificial em áreas como: humanidade e tecnologia; povos originários; mundo e metamundo; economia; amor e ódio, vida e morte, guerra e paz; consciência natural e inconsciência artificial; arquitetura e urbanismo; população, alimentação, fome; comunicação, informação, comportamento; educação, criação e transmissão de conhecimento; leis, legislações, justiça: como separar o real do artificial?

Ciclo idealizado pela professora Terezinha Azerêdo Rios e pelo jornalista Fernando Rios.

PALESTRAS, PALESTRANTES E MEDIADORES

A AVENTURA DO CONHECIMENTO

Palestrante: Thiago Alixandre

Mediadora: Terezinha Azerêdo Rios

O CONHECIMENTO DOS POVOS ORIGINÁRIOS.

Palestrante: Cristine Takuá

Mediadora: Terezinha Azerêdo Rios

MUNDO E METAMUNDO

Palestrante: Rodrigo Murta

Palestrante: Dora Kaufman

Mediador: Sérgio Luiz Lugan Rizzon

ECONOMIA: AUMENTA A DISTÂNCIA ENTRE CAPITAL E TRABALHO. NO MEIO, OS ROBÔS.

Palestrante: Marcio Pochmann

Mediador: Leonardo Nelmi Trevisan

AMOR E VIDA; ÓDIO E MORTE. VIOLÊNCIA, AGRESSIVIDADE, CRUELDADE.

Palestrante: Luiz Eduardo Soares

Mediadora: Sanny Silva da Rosa

CONSCIÊNCIA NATURAL E INCONSCIÊNCIA ARTIFICIAL? O CORPO NATURAL NUMA MENTE ARTIFICIAL?

Palestrante: Marília Duque

Mediadora: Terezinha Azerêdo Rios

ARQUITETURA E URBANISMO.

CASAS E CIDADES REAIS E DIGITAIS.

Palestrante: Joice Berth

Moderador: Dal Marcondes

POPULAÇÃO, ALIMENTAÇÃO, FOME, SAÚDE. COMIDA NATURAL OU ARTIFICIAL?

Palestrante: Lucia Helena Oliveira

Moderador: Dal Marcondes

COMUNICAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMPORTAMENTO, ARTE. O CONSUMO E A CRIAÇÃO DE MODELOS DE COMPORTAMENTO.

Palestrante: Fernanda dos Santos Rodrigues Silva

Mediadora: Terezinha Azerêdo Rios

EDUCAÇÃO: A ARTIFICIALIDADE DA NATUREZA EDUCATIVA.

Palestrante: Fernando José de Almeida

Mediadora: Sabrina da Paixão Brésio

LEI E JUSTIÇA PARA HUMANOS E ROBÔS. A FAVOR DO TRABALHO OU DO CAPITAL?

Palestrante: Guilherme Forma Klafke

Mediador: Danilo Cymrot

O que compõe a inteligência na era da artificialidade tecnológica?

A humanidade vivencia um salto tecnológico sem precedentes. Desde o desenvolvimento industrial, a velocidade com a qual os meios e as técnicas se modificam, criando espacialidades, formas de interação, de produção e reprodução, nos desafia a acompanhar as transformações que ocorrem também nas relações humanas e na produção de conhecimento.

Em face da virtualidade advinda da era digital, que redefine os fenômenos de tempo-espço, fragmenta fronteiras e idiomas, alcança galáxias ao mesmo tempo em que investiga em nível nanoscópico a biosfera, como nos posicionar e compreender as interações entre o que é material e as novas formas de pensar o humano, a partir da interferência desta artificialidade virtual? Mobilizados por estas questões-geradoras, o ciclo *Um mundo humano, artificialmente real* se debruça sobre diversas áreas do conhecimen-

to, como economia, alimentação, arquitetura, antropologia, direito, filosofia, artes, para tatear potenciais respostas sobre o atual fenômeno em que nos vemos inseridos: a chamada inteligência artificial e a sociedade hiperconectada.

Com a proposição dos educadores Terezinha Azerêdo Rios e Fernando Rios, o ciclo foi realizado pelo Centro de Pesquisa e Formação – CPF do Sesc e contou com onze encontros realizados, de outubro a novembro de 2023, na modalidade *online*. No evento, pesquisadores e professores foram mobilizados a pensar as interrelações da inteligência artificial – IA e do desenrolar tecnológico em diferentes campos do saber, assim como seu impacto nos modos de criar e produzir conhecimento. Os encontros articularam temas transversais que conectam as esferas da produção humana no campo das artes, das técnicas, da economia e dos territórios, e as intervenções entre o que é huma-

LUIZ DEOCLECIO
MASSARO GALINA
DIRETOR DO SESC SÃO PAULO

no e o que é artificial, tensionando o que podemos compreender como "conhecimento artificial (IA)" e o "conhecimento orgânico (pensamento)". A presente publicação, coerente com o empenho do Sesc em promover a democratização sociocultural, disponibiliza a transcrição das palestras, com a finalidade de ampliar o acesso aos temas debatidos e contribuir com a atualidade da discussão.

Uma boa leitura.

01101000011101010110101100001011011100110111

1100101010001
0001010100110
0010010010100
0111110000111
0001010010011
1001000011010
0100101000001
001000000100
1000010101010
1001101010000
0101001110010
0000100101100
001000000100
1001010011100
1010100010001
0101001100010
0100101000111
1100001110001
0100100111001
0000110100100
1010000010010
000001000001
0101001001010
1000100100101
0001100100100
1010000110100
1001010000010
1001100010010
0101001110010
1010001000101
0100110001001
0010100011111
0000111000101
0010011100100
0011010010010
1000001001000
0001001000010
10101010011010
1000001010011
1001000001001
0110000100000
0100100101001
1100101010001
0001010100110
0010010010100
01111100001110
0010100100111
0010000110100
1001010000010
010000001000
0010101001001

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO ADMINISTRAÇÃO REGIONAL NO ESTADO DE SÃO PAULO

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Luiz Deoclécio Massaro Galina

SUPERINTENDENTES
TÉCNICO-SOCIAL
Rosana Paulo Cunha
COMUNICAÇÃO SOCIAL
Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves
ADMINISTRAÇÃO
Jackson Andrade de Matos
ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO
Marta Raquel Colabone

GERENTES
GERÊNCIA DE ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO
Joao Paulo L. Guadanucci
ARTES GRÁFICAS
Rogerio Ianelli
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO
Andréa de Araújo Nogueira
EQUIPE SESC
Maurício Trindade da Silva, Rosana Elisa Catelli, Flávia Rejane Prando, Juliana Silva dos Santos, Marcos Toyansk Silva Guimaraes, Danilo Cymrot, Sabrina da Paixão Brésio.

**UM MUNDO HUMANO, ARTIFICIALMENTE REAL.
INTELIGÊNCIA HUMANA, INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.**

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL
Fernando Rios e Terezinha Azerêdo Rios

COPIDESQUE, EDIÇÃO E NOTAS
Fernando Rios

REVISÃO
Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS
Cristine Takuá
Dora Kaufman
Fernanda dos Santos Rodrigues Silva
Fernando José de Almeida
Guilherme Forma Klafke
Joice Berth
Lucia Helena Oliveira
Luiz Eduardo Soares
Marcio Pochmann
Marília Duque
Rodrigo Murta
Thiago Alixandre

MEDIADORES
Dal Marcondes
Danilo Cymrot
Leonardo Nelmi Trevisan
Sabrina da Paixão Brésio
Sanny Silva da Rosa
Sérgio Luiz Lugan Rizzon
Terezinha Azerêdo Rios



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Almeida, Fernando José de
Um mundo humano, artificialmente real. Inteligência humana, inteligência artificial.
[livro eletrônico] : conversas sobre ética 1 / Renato Janine Ribeiro. -- São Paulo : Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo : Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria, 2021.
PDF.
ISBN 978-65-87592-02-2
1. Ética (Moral filosófica) 2. Filosofia
3. Imoralidade 4. Moral I. Título.

22-8486 CDD-171.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Ética : Aspectos morais : Filosofia 171.2
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Conhecimento e inteligência entre humanos e robôs

**O pensamento parece uma coisa à toa
Mas como a gente voa quando começa a pensar**
LUPICÍNIO RODRIGUES

I Conhecimento e inteligência artificial. Do natural para o artificial. Nos tornamos humanos quando nos afastamos da natureza? A tecnologia está nos fazendo perder completamente nossa naturalidade? Robôs/coisas pensarão por nós? Serão eles os donos da humanidade? E nós, humanos, e nós humanidade, o que seremos?

II Um mundo humano é real ou artificial? Sua realidade se manifesta na construção do artificial. A cultura, intervenção na natureza, é construção "feita com arte". Artifício quer dizer 'fazer com arte'. Então todo o mundo humano-cultural é artificial. Temos feito com arte, ciência, técnica, tecnologia. E educação, o principal artifício que move as humanidades.

III Transformando e partilhando a cultura, construímos a história, que se faz no presente, no qual se entrecruzam passado, como tradição e memória, e futuro, como projeto. Entretanto, temos abandonado o passado e destruído o presente. Tudo muito rápido. O futuro tem pressa, muita pressa... Ele nos atropela. Nosso engenho e nossa arte transformaram o Pitecantropos erectus em homo sapiens e, por vezes, muitas vezes, em homo demens. De que maneira o progresso tecnológico interfere nisso?

IV Aos clássicos fatores de produção – terra, trabalho, capital – junta-se agora um outro: a tecnologia, com suas irmãs xifópagas, ciência e técnica. Aqui está inserida a educação. Então, são quatro os novos fatores de produção: terra, trabalho, capital e educação/tecnologia. Isso altera, sem dúvida, a configuração da organização social.

APRESENTAÇÃO
FERNANDO RIOS &
TEREZINHA AZERÊDO
RIOS

V Estamos desaprendendo de controlar o tempo que criamos? Se vale a máxima capitalista de que tempo é dinheiro, o que fazemos com um e outro? É mais fácil saber onde está o dinheiro e a quem ele pertence. Onde depositamos o tempo? A quem ele pertence? O que a tecnologia tem a ver com o aspecto de que se reveste o tempo em nosso cotidiano? A tecnologia alterará a relação senhores e escravos; capital e trabalho? Contribuirá para a construção de uma vida boa?

VI Quem define o que é uma vida boa? Amar, alimentar-se, trabalhar, ter lazer, ter prazer, descansar. Onde colocamos nossos desejos, que se transformam em sonhos e utopias? Por que se diz que viver é quase sempre caótico, na cidade ou no campo? Quem pode obter a felicidade veiculada nos meios de comunicação? Tecnologia traz alguma felicidade? Que vidas temos nós, diante deste beco que criamos: aparentemente, sem saída para humanos, com todas as saídas para os robôs?

VII É preciso pensar sobre todas as questões que aqui se levantam. Temos pensado? Pensar o entor-

no, pensar o imaginável, pensar o passado, pensar o presente, pensar o futuro. O ser humano sempre pensou. Quando começou? Um dia saberemos? Pensou quando construiu sua primeira família? Pensou quando registrou imagens nas cavernas? Pensou quando enterrou seus mortos? Pensou quando construiu seu primeiro instrumento musical? E quando se dispôs a pensar criticamente? Robôs e outras coisas pensarão por nós, os humanos? Serão eles os donos da humanidade? E nós, humanos, e nós humanidade, o que seremos?

VIII Que venham os robôs! Ou melhor, eles já estão aqui. Acostumemo-nos a eles! Como senhores e/ou escravos?! Depende de nós! O programa aqui proposto tem a intenção de provocar essa reflexão.

011010000111010101101011000010110111001101111

10010101000100
01010100110001
00100101000111
11000011100010
10010011100100
00110100100101
0000010010000
0010010000101
01010100110101
00000101001110
01000001001011
0000100000010
01001010011100
10101000100010
10100110001001
00101000111110
00011100010100
10011100100001
10100100101000
0010010000001
0000010101001
0010101000100
10010100011001
0010010100001
10100100101000
00101001100010
0101000100010
10100110001001
00101001110010
0000100101100
0010000001001
00101001110010
10100010001010
10011000100100
10100011111000
01110001010010
01110010000110
1001001010000
0100100000010
0000101010010
01010100010010
01010001100100
10010100001101



JOICE BERTH

ARQUITETURA E
URBANISMO.
CASAS E CIDADES
REAIS E DIGITAIS.

31. OUTUBRO. 2023

A vida nas florestas, a vida nas cidades. Transporte (sem motorista) para todos? *Smart cities*: a transformação digital de cidades. Pode a cidade digital ser uma cidade educadora? Cidade e campo. Praia e montanha. Condomínios, prédios, bunkers habitacionais.

O meio ambiente pode transformar o capitalismo? A inteligência artificial paira sobre as cidades.

MEDIADOR: DAL MARCONDES



07

JOICE BERTH

O feminismo fala muito do sufrágio. E aí o sufrágio, a luta das mulheres brancas, das mulheres para irem para o mercado de trabalho. Só que a mulher negra nunca esteve fora do mercado de trabalho. Ela sempre trabalhou, a mulher negra sempre esteve trabalhando. Ela não sai de uma condição de propriedade do senhor de engenho para a mulher operária que vai prestar seu serviço na cidade. Ela não tem isso. Ela está desde o começo oferecendo a sua mão de obra, construindo as riquezas dos brancos junto com homens negros.



Arquitetura e urbanismo, casas e cidades reais e digitais.

MARCOS TOYANSK SILVA GUIMARÃES

Boa noite a todos e a todas. Sejam bem-vindos e bem-vindas ao espaço virtual do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc. A gente vai dar início ao último encontro do primeiro módulo do ciclo *Um mundo humano, artificialmente real. Inteligência humana, inteligência artificial.*

Hoje, o encontro vai tratar do tema Arquitetura e urbanismo, casas e cidades reais e digitais, com Joice Berth e mediação de Dal Marcondes. Antes de dar início ao encontro de hoje, vou passar a palavra para a professora Terezinha Azerêdo Rios. Terezinha, por favor, fique à vontade.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Viva Danilo Santos de Miranda!

Obrigada, Marcos. Eu pedi a Marcos que a gente rompesse um pouquinho o que estava estabelecido, porque acho que vocês compreenderão que

é necessário, hoje, e não podíamos deixar passar sem fazer uma homenagem a Danilo Miranda¹ que foi esse amigo, é esse amigo querido que nos deixou no domingo.

Nos deixou nada. Na verdade, cá está ele entre nós com este trabalho, com essa convivência que a gente teve com ele. Em 2021, nós estávamos comemorando o aniversário de 100 anos de Edgar Morin². E, naquele momento, o Morin... era um dia de ciclo nosso e eu também quis fazer uma referência ao aniversário. E eu fiz referência a um vídeo que lá na PUC de São Paulo, onde trabalhei, aliás, onde trabalhamos, não é Silvio, lá no Ciclo Básico. A gente usava um texto, Silvio vai lembrar, que se chamava *Ô xente, pois não*³.

Era um documentário sobre vassoureiros, pessoas nordestinas que faziam vassouras. E tinha um depoimento de um deles que dizia assim:

INTRODUÇÃO

1 Danilo Santos de Miranda (1943 - 2023) foi um gestor cultural brasileiro. De 1984 a 2023, foi diretor do Serviço Social do Comércio - Se presarial no International Institute for Management Development - IMD, na Suíça. Organizador de livros como "Ética e cultura", é reconhecido nacional e internacionalmente pelo trabalho que realizou à frente do Sesc São Paulo. Sua abordagem se baseava na perspectiva de que a cultura deve ser entendida de forma ampliada, de forte sentido educativo, entrelaçando o mundo das artes e do espetáculo à memória, à aprendizagem e à convivência. Para ele, "cultura e educação são duas facetas de uma mesma realidade". Miranda defendia que a educação e a cultura são o cerne do desenvolvimento humano - sobrepondo-se à noção de desenvolvimento que decorre pura e simplesmente do aumento da capacidade de produção econômica de um país: "Cultura, do jeito que eu entendo, é educação - educação permanente. Defendo uma sociedade em que o componente educativo e cultural seja colocado no centro e não o componente econômico, político ou social isolado (...)" Entre as diversas distinções recebidas ao longo da carreira constam a Condecoração de Mérito da República da Polônia, pelas contribuições às relações culturais Brasil-Polônia (2000); a Ordem do Mérito Cultural, concedida pelo Governo Federal (2004); o grau de Oficial da Ordem das Artes e das Letras, concedido pela França (2005); o Diploma de Mérito do Governo Japonês, pelo empenho na difusão da arte e cultura japonesa no Brasil (2006); a láurea de Comendador da Ordem do Mérito da República Francesa e da Ordem do Ipiranga (2010); e diversas condecorações de Ordem do Mérito, recebidas dos governos da Alemanha (2011), Bélgica (2012) e Polônia (2015), além do título de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique, concedido por Portugal (2016). Entre os prêmios, constam o Troféu HQ Mix, na categoria "Homenagem especial" (2003); o Prêmio Bravo! Prime de Cultura, na categoria "Personalidade cultural" (2009); e o Jürgen Palm Award, recebido da Tafisa - The Association For International Sport for All (2011).

WIKIPEDIA 08.05.2024

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Danilo_Santos_de_Miranda#](https://pt.wikipedia.org/wiki/Danilo_Santos_de_Miranda#DANILO_SANTOS_DE_MIRANDA:_A_PERDA_DE_UM_'GESTOR_CULTURAL_VISIONÁRIO')

DANILO SANTOS DE MIRANDA: A PERDA DE UM "GESTOR CULTURAL VISIONÁRIO"

JORNAL DA USP 01/11/2023 ACESSO: 08.05.2024

<https://jornal.usp.br/cultura/danilo-santos-de-miranda-a-perda-de-um-gestor-cultural-visionario/>

"Tenho 54 anos, mas, nesses 54 anos, já vivi muito mais do que 54 vidas". E o que eu dizia naquele momento era que Morin nos parece mesmo uma pessoa que, aos 100 anos, 102 agora, já viveu muito mais do que 100 ou 102 vidas. Danilo Miranda tinha 80 anos. A gente era meio gêmeo, sabe? Eu fiz os meus 80 no dia 23 de abril e ele, um dia depois, no 24.

Eu dizia que éramos gêmeos, mas ele fazia questão de dizer que eu era muito mais velha do que ele. Coisas de Danilo Miranda. Danilo Miranda tinha 80 anos, mas, pelo que a gente conhece dele, a gente sabe que ele viveu muito mais do que 80 vidas. No trabalho, na convivência conosco, na obra majestosa que ele fez, aqui no Sesc, não é, Marcos? E não só aqui em São Paulo, mas no Brasil todo.

Então, vou recorrer também a uma epígrafe de um livro muito bonito de um autor, um jovem português chamado João Tordo⁴. O livro se chama *As Três Vidas*⁵ que traz uma epígrafe tirada de uma série televisiva, um seriado estadunidense que se

chama *Sete Palmas*⁶ que diz:

As pessoas costumam usar as expressões vida e morte como contrários. A morte não é o contrário da vida, mas do nascimento. A vida não tem contrário.

Coisa bonita, não é verdade? Os opostos são nascer e morrer. Viver não tem contrário. A vida não tem contrário. As 80 vidas de Danilo Miranda, as muitas vidas dele vão em frente. A morte é lograda e, por isso, é que ele permanece entre nós e a gente sabe que permanece nesse trabalho majestoso que ele fez no Sesc, que a gente sabe que a equipe magnífica que ele tem no Sesc vai levar adiante, mas em um trabalho muito maior de relação com todos nós, nessa busca de uma sociedade melhor, mais democrática, fazendo com que seja verdadeira e boa a nossa construção, juntos, do bem comum.

Viva Danilo Santos de Miranda!

Obrigada, Marcos.

UMA VIDA EXTRAORDINÁRIA | NARRATIVA VISUAL DE DANILLO SANTOS DE MIRANDA

SESC SÃO PAULO 28/11/2023 ACESSO 08.05.2024

<https://www.sescsp.org.br/uma-vida-extraordinaria-narrativa-visual-de-danilo-santos-de-miranda/#dezembro23-integra>

² **Edgar Morin**, pseudônimo de Edgar Nahoum (1921) é um antropólogo, sociólogo e filósofo francês judeu de origem sefardita. Pesquisador emérito do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique). Formado em direito, história e geografia, realizou estudos em filosofia, sociologia e epistemologia. Autor de mais de trinta livros, entre eles: O método (6 volumes), Introdução ao pensamento complexo, Ciência com consciência e Os sete saberes necessários para a educação do futuro. Durante a Segunda Guerra Mundial, participou da Resistência francesa. É considerado um dos principais pensadores contemporâneos e um dos principais teóricos do campo de estudos da complexidade, que inclui perspectivas anglo-saxônicas e latinas. Sua abordagem é conhecida como "pensamento complexo" ou "paradigma da complexidade". Morin não se identifica como "teórico da complexidade" nem pretende limitar seus estudos às chamadas "ciências da complexidade". Distingue entre perspectivas restritas, limitadas e amplas ou generalizadas da complexidade.

WIKIPEDIA 08.05.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Edgar_Morin#Refer%C3%AAncias

³ Ô XENTE, POIS NÃO! (FILME DE 1973)

DIREÇÃO: JOAQUIM ASSIS

Distribuição: Forte Filmes e Kuarup, 1974

Famílias de lavradores comentam suas dificuldades, com destaque para a seca em Salgadinho, PE. O documentário busca passar ao espectador a sabedoria das pessoas em questão e a fraternidade que as une.

DE OLHO NO RECIFE

<https://eyesonrecife.wordpress.com/2012/12/05/o-xente-pois-nao-short-documentary/>

YOUTUBE 09.05.2024

<https://www.youtube.com/watch?v=re0HcLymEug>

Trecho de documentário de Joaquim Assis que mostra um grupo de camponeses falando sobre o universo, abordando questões como o amor à terra, o trabalho em grupos e a solidariedade.

MARCOS TOYANSK SILVA GUIMARÃES

O mediador de hoje é Dal Marcondes

Eu que agradeço, Terezinha, pelas palavras. E agora, enfim, vamos dar continuidade à apresentação do mediador de hoje, que é o Dal Marcondes: Dal é jornalista com especialização em ciência ambiental pela USP, mestre em modelagem de negócios em jornalismo digital pela Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM, diretor do Instituto e Portal Envolverde. Agradeço a todos os que estão presentes, agradeço ao Fernando do Rios, Terezinha, Dal Marcondes, Joice Berth. Dal, agora é com você. A palavra é sua.

DAL MARCONDES

... pensar a cidade, pensar as desigualdades e pensar como o espaço urbano pode ser transformado de maneira a desconstruir essa desigualdade.

Obrigado, Marcos. Obrigado, Fernando, Terezinha. Prazer enorme estar aqui para conversar com a Joice. Tê, você falou do Danilo e eu estava

pensando: a conversa de hoje sobre arquitetura, urbanismo, tem tudo a ver com o Danilo. Danilo transformou São Paulo. Danilo abriu a cidade de São Paulo, abriu com as unidades do SESC e, com o trabalho realizado nas unidades, abriu as portas do mundo, da cultura, para uma população que não tinha isso antes do Danilo. A gente pode falar de São Paulo antes e depois do Danilo, porque certamente é outra cidade. As unidades do Sesc representam uma porta, um portal de cultura. E acho que é sobre isso que a Joice vai conversar com a gente hoje, a cidade enquanto microespaço e sua relação com o mundo.

Deixem-me apresentar Joice Berth, a nossa convidada.

A Joice Berth formou-se em arquitetura e urbanismo pela Uninove – Universidade Nove de Julho. É escritora, feminista negra, curadora e psicanalista. Tem como campo de pesquisa o direito à cidade, concentrando-se nas questões de gênero e raça. É autora do livro *O que é empoderamento?*⁷¹, a partir da perspectiva feminina

4 João Tordo (1975) é um escritor português. Formou-se em Filosofia na Universidade Nova de Lisboa. Foi vencedor do Prémio José Saramago 2009 com o romance *As três vidas* (2008). Publicou dez romances: *O livro dos homens sem luz* (2004), *Hotel Memória* (2007), *As três vidas* (2009), *O bom inverno* (2010), *Anatomia dos mártires* (2011), *O ano sabático* (2013), *Biografia involuntária dos amantes* (2014), *O luto de Elias Gro* (2015), *O paraíso segundo Lars D.* (2015), *O deslumbre de Cecilia Fluss* (2017) e *Ensina-me a voar sobre os telhados* (2018). Foi finalista dos prémios Portugal Telecom, prémio Fernando Namora, Melhor Livro de Ficção Narrativa da SPA e do Prémio Literário Europeu. Como roteirista, participou em várias séries de televisão, incluindo *O segredo de Miguel Zuzarte* (RTP), *Filhos do Rock* (RTP) e *Pais Irmão* (RTP).

WIKIPEDIA 08.05.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Tordo

5 ASTRÉS VIDAS

JOÃO TORDO

Companhia das Letras, São Paulo SP, 2018

6 A SETE PALMOS / SIX FEET UNDER

CRIADOR: ALAN BALL

ELENCO: PETER KRAUSE, FRANCES CONROY, MICHAEL C. HALL, FREDDY RODRIGUEZ, JEREMY SISTO, JAMES CROMWELL, RACHEL GRIFFITHS

Comédia, drama; CINCO temporadas, 63 episódios; 2001 - 2005; original da HBO, atualmente no MAX; EUA.

Um olhar tragicômico sobre os membros de uma família disfuncional que gerencia uma casa funerária. Quando o filho pródigo, Nate (Peter Krause), não retorna à casa para as comemorações de final de ano, a família deve aprender a lidar com o próprio luto, enquanto decide como seguir em frente com o negócio da família.

ADORO CINEMA 08.05.2024

<https://www.adorocinema.com/series/serie-4/>

7 EMPODERAMENTO

JOICE BERTH

São Paulo, Sueli Carneiro/Pólen, 2019.

Feminismos plurais/coordenação de Djamila Ribeiro.

O QUE É EMPODERAMENTO?

JOICE BERTH

Letramento, Justificando, Belo Horizonte, MG, 2018.

e interseccional, evidenciando as concepções de intelectuais como Angela Davis⁸, bell hooks⁹, Patrícia Hill Collins¹⁰ e Paulo Freire¹¹. Foi eleita uma das mentes mais criativas do Brasil pela revista *Wired*. Seu livro, *Se a cidade fosse nossa*¹², é uma profunda análise dos instrumentos de preservação das múltiplas desigualdades impostas pelos modelos de ocupação do território urbano. Uma visão que cruzou o urbanismo com a psicanálise. Extremamente impactante.

Joice, é um prazer enorme ter você aqui conosco. Acho que este momento que vivemos é realmente importante para se pensar a cidade, para se pensar as desigualdades e pensar como o espaço urbano pode ser transformado de maneira a desconstruir essa desigualdade. Sei que não é uma coisa que se faz com um passe de mágica, é algo que se faz com o tempo, com a transformação cultural, com a transformação da sociedade em uma sociedade capaz de se tornar melhor do ponto de vista de integração. Como diz a Terezinha, o diálogo não se faz entre iguais, o diálogo se faz entre diferentes. Então, acho que a cidade de São Paulo

e todas as cidades brasileiras têm mais ou menos o mesmo modelo. Ela precisa desse diálogo entre os diferentes. Por favor, Joice, a gente gostaria muito de te ouvir sobre esses temas que você trata tão bem nos seus livros. O microfone é seu.

011010000111010101101101011000010110111001101111

8 Angela Yvonne Davis (1944) é uma professora e filósofa socialista estadunidense que alcançou notoriedade mundial na década de 1970 como integrante do Partido Comunista dos Estados Unidos, dos Panteras Negras, por sua militância pelos direitos das mulheres e contra a discriminação social e racial nos Estados Unidos, referência entre os marxistas e por ser personagem de um dos mais polêmicos e famosos julgamentos criminais da recente história dos EUA. Angela lecionou por 17 anos no Departamento de História da Consciência na prestigiada Universidade da Califórnia-Santa Cruz. Recebeu o título de professora emérita da Universidade da Califórnia e se aposentou em 2008. Após sua aposentadoria continuou sua rotina de palestras e cursos em diversas universidades e centros culturais por todo o mundo. Em 2019 passou a integrar o National Women's Hall of Fame dos Estados Unidos.

WIKIPÉDIA 09.05.2024
https://pt.wikipedia.org/wiki/Angela_Davis#

9 bell hooks/Gloria Jean Watkins (1952 – 2021). Mais conhecida pelo pseudônimo **bell hooks** (escrito em minúsculas), foi uma autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense. hooks publicou mais de trinta livros e numerosos artigos acadêmicos, apareceu em vários filmes e documentários e participou de várias palestras públicas. Sua obra incide principalmente sobre a interseccionalidade de raça, capitalismo e gênero, e aquilo que hooks descreve como a capacidade destes para produzir e perpetuar sistemas de opressão e dominação de classe. Hooks teve uma perspectiva pós-moderna e foi influenciada pela pedagogia crítica de Paulo Freire. Começou sua carreira acadêmica em 1976 ensinando inglês e estudos étnicos na University of Southern California. Mais tarde, ensinou em várias instituições, incluindo Stanford University, Yale University e The City College of New York, antes de ingressar no Berea College, em Berea, Kentucky, em 2004, onde fundou o bell hooks Institute em 2014. Seu pseudônimo foi emprestado de sua bisavó materna, Bell Blair Hooks.

WIKIPÉDIA 09.05.2024
https://pt.wikipedia.org/wiki/Bell_hooks

10 Patricia Hill Collins (1948) é uma renomada professora universitária de sociologia da Universidade de Maryland, College Park. É ex-chefe do Departamento de Estudos Afro-americanos na Universidade de Cincinnati, e ex-presidente do conselho da Associação Americana de Sociologia. Collins foi a 100ª presidenta da ASA, e a primeira mulher afro-americana a ocupar o cargo. Trabalha, principalmente, sobre feminismo e gênero na comunidade afro-americana. A notoriedade de Patricia Hill Collins no contexto norte-americano se deu a partir do seu livro *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment*, publicado originalmente em 1990. Estudou sociologia na Universidade de Brandeis, é mestre pela Universidade de Harvard, e doutora por Brandeis.

WIKIPÉDIA 09.05.2024
https://pt.wikipedia.org/wiki/Patricia_Hill_Collins

11 Paulo Reglus Neves Freire (1921 – 1997) foi um educador e filósofo brasileiro. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica. É também o Patrono da Educação Brasileira. Seu trabalho teórico envolve uma forte crítica da educação bancária comum em seu tempo, na qual o professor faz “depósitos” de conhecimento no aluno, que os recebe passivamente. Em vez disso, Freire propõe uma educação dialógica, isto é, fundamentada no diálogo. Freire também é famoso por ter desenvolvido um método de alfabetização de adultos que busca desenvolver essa consciência crítica no momento da alfabetização. Seu principal trabalho, *Pedagogia do oprimido*, livro em que propõe sua pedagogia dialógica, se diferenciou do “vanguardismo” dos intelectuais de esquerda tradicionais, pois defendeu o diálogo com as pessoas simples, e não a imposição de ideias pré-concebidas sobre elas (o que, para Freire, é mero ativismo). Trata-se do terceiro livro mais citado em trabalhos acadêmicos de ciências sociais em todo o mundo. Foi o brasileiro mais homenageado da história, com pelo menos 35 títulos de Doutor Honoris Causa de universidades da Europa e América; e recebeu diversos galardões como o prêmio da UNESCO de Educação para a Paz em 1986.

WIKIPÉDIA 09.05.2024
https://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Freire

12 SE A CIDADE FOSSE NOSSA. RACISMOS, FALOCENTRISMO E OPRESSÕES NAS CIDADES.

JOICE BERTH
Editora Paz e Terra, São Paulo, SP, 2023.

Geralmente, as pessoas grandiosas não têm noção da sua grandiosidade.

Muito boa noite. Primeiro, eu queria agradecer muito o convite para estar participando deste encontro. Agradeço muito o carinho e o interesse pelo meu trabalho. Estou extremamente feliz e orgulhosa. O Sesc é referência para mim, para os meus estudos, para as minhas pesquisas, para a minha formação de cidadania. E fiquei superemocionada com a Terezinha falando do Danilo que fez sua passagem no comecinho desta semana. Tive um contato com ele há exatamente um ano através da exposição *Margens de 22: presenças populares*¹³, da qual fui uma das curadoras, junto com o Tadeu Kaçula¹⁴ que é historiador, pesquisador de samba, cidade, arte e tudo mais, e o Alexandre Bispo¹⁵, que é antropólogo. Montamos uma exposição cuja ideia era trazer uma perspec-

Cartaz criado por Emiliano Di Cavalcanti para simbolizar a Semana de Arte Moderna de 1922



JOICE BERTH

13 **MARGENS DE 22: PRESENCAS POPULARES**
COM: ALEXANDRE ARAÚJO BISPO, JOICE BERTH E TADEU KAÇULA.

Projetos memórias, conexões: diversos 22.
Sesc Carmo, Sesc São Paulo, SP, 28.10.2022 a 24.02.2023.
Artes Visuais, exposição, atividade presencial.

SESC SP 08.05.2024

<https://diversos22.sescsp.org.br/programacao/96000279098916/margens-de-22-presencas-populares>

14 "Nasci no bairro da Casa Verde, zona norte de São Paulo. Costumo dizer que é o bairro mais querido do Brasil. Foi onde me criei e tornei-me um cidadão."

Tadeu Augusto Matheus (Tadeu Kaçula), sambista e sociólogo. Mestre e doutorando em Mudança Social e Participação Política (EACH - USP), membro do grupo de Estudos Latino Americano sobre Cultura e Comunicação (CELACC - USP), membro do grupo de estudos Griô de Culturas Populares e Educação da Universidade Federal da Bahia - (UFBA), coordenador executivo da UNAFRO - Universidade Livre de Sociologia e Comunicação Afro-brasileira, autor do livro Casa Verde, uma pequena África paulistana e autor convidado na obra Cultura Política nas Periferias - estratégias de reexistência.

T. KAÇULA SINÔNIMO DE MILITÂNCIA NO SAMBA DE SÃO PAULO

MUSEU DA PESSOA 06.09.2024

<https://museudapessoa.org/historia-de-vida/t-ka-ula-sin-nimo-de-militancia-no-samba-de-s-o-paulo/>

PRESENCIA CONFIRMADA: TADEU KAÇULA
BALADA LITERÁRIA 27/10/2022 ACESSO 06.09.2024

<https://baladaliteraria.com.br/2022/10/27/presenca-confirmada-tadeu-kacula/>

15 **Alexandre Araujo Bispo** (1973). Antropólogo, cientista social, crítico de arte, curador, pesquisador e produtor cultural. A principal característica de seus trabalhos é a discussão sobre o patrimônio material e imaterial da população negra e camadas populares do Brasil, que leva em conta temas como cultura urbana, arte afro-brasileira e as relações entre memória,

tiva contemporânea para a Semana de 22¹⁶, mas tendo como foco ou ponto de partida a questão da cidade, da localização.

Essa junção de saberes resultou nessa exposição que foi um processo completamente difícil, cheio de percalços, porque eram três mentes cheias de ideias e leituras diferentes da mesma realidade. Ideias diferentes, porém, complementares e aglutinadoras de referências diversas e muito importantes. Para conciliar as visões, a gente teve um momento muito rico, muito produtivo, mas, ao mesmo tempo, muito turbulento e com muitas limitações que foram devidamente superadas. Na inauguração, tivemos a honra de ter a presença surpresa do Danilo, superemocionado, falando muito bem do resultado da exposição e aquilo, para mim, foi como um prêmio: a fala dele foi extremamente contundente e, na abertura da exposição, no coquetel de abertura, ele contou a visão dele sobre a cidade porque estava impactado com as obras que estavam na exposição. Foi um momento incrível e fiquei extremamente feliz de saber que a gente tinha agradado alguém

de tanto conhecimento, não só das artes, mas da cidade como um todo.

O que ficou para mim desse momento, como confirmação de tudo que eu já sabia dele, que é uma humildade muito presente, um olhar extremamente sensível para os problemas que temos na sociedade, um olhar muito humano, muito acolhedor, muito curioso e com muita vontade de que as coisas se transformem sempre para melhor, sem parar. Então, foi um momento mágico, muito bonito. E um ano depois, praticamente, exatamente porque abrimos a exposição em 28 de outubro para o público, um ano exato, foi um encontro muito bacana.

Sou uma pessoa espiritualista. Espero que, de onde quer que esteja, ele tenha noção de sua grandiosidade, pelo menos, porque, geralmente, as pessoas grandiosas não têm noção da sua grandiosidade. Espero que, após a passagem, ele tenha noção do quanto era grandioso e do quanto influenciou e transformou a vida de muitas pessoas que passaram pelo caminho dele

comportamento, arquivos e sociedade. Em 2006, forma-se em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Através da escrita e de suas curadorias, Alexandre Bispo cria um trabalho interdisciplinar, transitando entre arte e ciências sociais e abordando temáticas de crescente discussão, como as questões étnico-raciais, a arte afro-brasileira e a produção cultural.

ALEXANDRE ARAÚJO BISPO
ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL 06.09.2024
<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa640286/alexandre-araujo-bispo>

¹⁶ A Semana de Arte Moderna, também chamada de Semana de 22, foi um evento cultural que ocorreu no Theatro Municipal de São Paulo, de 13 a 17 de fevereiro de 1922. Contou com exposição de pinturas, esculturas e maquetes arquitetônicas, além de conferências e concertos nas noites dos dias 13, 15 e 17. Foi financiada principalmente por membros da elite paulista que haviam enriquecido com a produção cafeeira. Os participantes da Semana almejavam uma renovação cultural no Brasil por meio de novas técnicas na pintura, literatura, arquitetura, escultura e música. Influenciados pelas vanguardas europeias, os participantes defendiam a liberdade criativa e a experimentação do artista, que eram limitadas pelas tendências artísticas da época, como as regras métricas do parnasianismo, o método acadêmico nas pinturas e a reprodução realística do mundo do naturalismo. Além disso, propunham reflexões sobre a identidade e a arte brasileiras para que estas deixassem de ser meras imitações estrangeiras. Os cinco que mais se destacaram: Anita Malfatti, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral.
WIKIPÉDIA 08.05.2024
https://pt.wikipedia.org/wiki/Semana_de_Arte_Moderna

que, não por acaso, falavam coisas incrivelmente boas a respeito dele e que, em um contato de uma hora, consegui visualizar porque as pessoas falavam tudo aquilo dele, coisas que realmente faziam todo sentido. Não queria abrir também sem deixar minha homenagem para o Danilo: ele foi essa figura maravilhosa.

"A cidade grande é diferente, na cidade grande tudo é maior, tudo é mais eloquente e... menos acolhedor também."

Enfim, vamos lá, a esse desafio de pensar a questão das cidades.

Venho fazendo uma leitura de cidades a partir do lugar social de mulher negra, nascida na periferia da cidade de São Paulo. Sou da Zona Norte, no bairro do Imirim, perto da Casa Verde, Santana, Cachoeirinha. Nasci e cresci nessa região. Observei e vivi intensamente diversas transformações. Tenho 47 anos. Quando tinha sete, oito anos, comecei a ter uma noção um pouco mais desenvolvida, um pouco mais consciente do espaço.

Comecei a observar o bairro, as coisas que ele tinha, coisas que não tinha. Ouvia a minha mãe contando como era no tempo dela, que também nasceu e cresceu na Zona Norte. Imaginava mais um pouquinho, pensava na experiência dos meus avós, tanto paternos como maternos. Não conheci meu avô, pai da minha mãe, conheci só a minha avó, mãe da minha mãe, que era de Marília e veio morar em São Paulo. Minha avó paterna ainda é viva, meu avô paterno já é falecido, um de Salto e outro de Itu, interiores de São Paulo.

Lembro de histórias que eles contavam de quando chegaram ao bairro, que era tudo assim, assado, e tinha o rio, e aí o rio deu lugar para a avenida Engenheiro Caetano Álvares e que, antes de ter a avenida, tinha enchente. Ouvi aquelas histórias do lugar, do espaço físico, e aquelas histórias me encantavam bastante, tanto quanto as histórias que eles contavam das cidades interioranas onde moraram. E, principalmente, enfatizando as diferenças. Falavam: "A cidade grande é diferente, na cidade grande tudo é maior, tudo é mais eloquente e... menos acolhedor também". Ainda não davam

tanta ênfase na cidade menos acolhedora. Tinham uma visão da cidade ainda com algum vínculo que os remetia à cidade onde nasceram. Interior, Salto, Itu, Marília. Ainda enxergavam aquele espaço da Zona Norte como algo que tinha ainda um pouco de afeto, de afetividade circulando por ali.

Cresci nesse ambiente, vi a coisa se tornando mais fria, mais agressiva, mais sufocante. Essa mudança foi muito marcante para mim. Quis estudar arquitetura e urbanismo, principalmente por influência de Oscar Niemeyer¹⁷. Ele é um arquiteto que influenciou gerações e gerações e vai continuar influenciando. Há críticas negativas que podem ser feitas ao trabalho dele, com toda certeza, de vários pontos de vista, inclusive ponto de vista técnico. Mas Niemeyer era um cara que tinha um olhar social, tinha uma preocupação social, tinha um posicionamento político muito marcado e esse posicionamento político influenciava as reflexões dele sobre o espaço e as intervenções que ele também fazia.

Ainda gosto muito de ver as obras de Niemeyer e

sempre consigo conectar com as informações que ele falava, os pensamentos de Oscar Niemeyer sobre a América Latina, sobre ser brasileiro, sobre as belezas naturais, a nossa geografia diferenciada, curvilínea.

Tudo o que se faz dentro de um país, de um estado, de um município, passa, necessariamente, por um olhar que também acaba abraçando as questões da cidade.

Durante um bom tempo, eu não sabia que o arquiteto também era urbanista, embora eu sempre tenha crescido com essa visão de cidade, com essa sensibilidade maior para o espaço físico externo à minha casa, à minha residência. Eu não sabia que existia uma profissão específica para estudar as intervenções, as propostas e as transformações urbanas.

Aí entra o Lúcio Costa¹⁸. Começo a pensar em Brasília, ler um pouco mais a respeito, antes de decidir me tornar arquiteta. Mais à frente, decidi: quero estudar arquitetura e urbanismo, principal-

17 Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares Filho (1907 – 2012) foi um arquiteto brasileiro, considerado uma das figuras-chave no desenvolvimento da arquitetura moderna. Niemeyer foi mais conhecido pelos projetos de edifícios cívicos para Brasília, uma cidade planejada que se tornou a capital do Brasil em 1960, bem como por sua colaboração no grupo de arquitetos indicados pelos Estados-membros da ONU que projetaram a sede das Nações Unidas em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Sua exploração das possibilidades construtivas do concreto armado foi altamente influente na época, tal como na arquitetura do final do século XX e início do século XXI. Elogiado e criticado por ser um "escultor de monumentos", Niemeyer foi um grande artista e um dos maiores arquitetos de sua geração por seus partidários. Alegou que sua arquitetura foi fortemente influenciada por Le Corbusier, mas, em entrevista, assegurou que isso "não impediu que [sua] arquitetura seguisse em uma direção diferente".

WIKIPÉDIA 08.05.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Oscar_Niemeyer

18 Lúcio Marçal Ferreira Ribeiro de Lima Costa (1902 – 1998) foi um arquiteto, urbanista e professor brasileiro nascido na França. Pioneiro da arquitetura modernista no Brasil, ficou reconhecido mundialmente pelo projeto do Plano Piloto de Brasília. Entre 1931 e 1933, Costa firmou uma parceria com o arquiteto ucraniano Gregori Warchavchik, construindo seus primeiros projetos de orientação moderna. Foi diretor da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) no Rio de Janeiro. Entre os seus alunos estavam Luís Nunes, Jorge Machado Moreira, Ernani Vasconcelos, Álvaro Vital Brazil, Oscar Niemeyer e Milton Roberto. Todos tornaram-se grandes expoentes da arquitetura brasileira.

WIKIPÉDIA 06.09.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%BAcio_Costa

mente, por causa do urbanismo, mas também por uma grande admiração pelos arquitetos, por essa capacidade que a gente adquire nos estudos de arquitetura de edificar os espaços, de criar o lugar onde as pessoas vão construir as suas vidas. Aí fui ser urbanista, ainda na faculdade. Fui estagiar e fazer trabalhos mais voltados para o lado social da profissão, mais político, digamos assim, porque o urbanismo vai muito nessa linha do raciocínio político.

Fui trabalhar com remoção de favelas, com regularização fundiária, avaliação de imóveis, remoção... No escritório onde eu trabalhava, ganhei um apelido de "arquiteta do social", porque eu era aquela profissional que gostava desse lado em que, muitas vezes, os profissionais não estão muito interessados. Gosto muito de dizer que sou "urbanista", para que as pessoas saibam que existem pessoas que pensam no espaço das cidades, no espaço urbano. As pessoas, quando ouvem "arquiteto", ainda estão muito conectadas com aquela visão dos construtores de casas, dos decoradores. Evidentemente que isso é excelente, muito legal.

Mas tem esse lado que tenho tentado fazer com que as pessoas se conectem com ele, porque o urbanismo é uma profissão que vem junto com a arquitetura, necessária para o diálogo com todos os outros saberes, porque todos nós ocupamos a cidade. A cidade é um lugar macro, onde as nossas vidas micro vão sendo desenvolvidas e pensadas e transformadas. Então, tudo o que se faz dentro de um país, de um estado, de um município, passa, necessariamente, por um olhar que também acaba abraçando as questões da cidade, do espaço das cidades.

Sou uma grande entusiasta da tecnologia, das tecnologias como um todo. Entendo a tecnologia como um conjunto de elementos, de possibilidades técnicas, mas também reflexivas, que nos possibilita atuar nos nossos meios humanos, no sentido de evoluir, de proporcionar uma expansão, uma evolução, de nos colocar à frente, resolvendo os problemas do nosso tempo, para que a gente possa olhar para frente e já pensar na construção de um futuro. Sou um produto da Internet que está inserido nesse círculo da tecnologia.

A Internet, as redes sociais, todas essas linguagens colocaram para a gente uma possibilidade de revolução muito grande. Costumo dizer que sou um produto da Internet porque todas as pesquisas e os estudos que eu fazia sobre as cidades eram coisas minhas que estavam restritas ao meu microcírculo de relações. Faculdade, colegas de faculdade, família, cônjuge, filhos e as pessoas mais próximas. Quando entro no ambiente da Internet, das redes sociais, tenho a possibilidade de dialogar com muito mais pessoas.

Hoje estou em São Paulo, mas converso com alguém que está no Acre, com alguém que está em Goiás, que está em Santa Catarina. Consigo me aproximar, de alguma forma, e ter trocas muito importantes. Por isso, sou entusiasta das tecnologias, porque penso que, através delas, muitas coisas têm sido transformadas para melhor. Aí, a gente chega em um momento em que se está discutindo, já há um certo tempo, a questão das *smart cities*, de como a tecnologia se insere na construção de cidades, no aperfeiçoamento das cidades, na resolução dos problemas que existem

nas cidades. As cidades inteligentes são o olhar da tecnologia para a inserção no espaço urbano.

Aí, falamos: que legal, está todo mundo muito entusiasmado com esse novo momento da profissão em que você tem a possibilidade de, através dos aparatos tecnológicos, mensurar uma série de coisas, visualizar tantas outras, fazer mediações e mediações incríveis nos trabalhos de planejamento urbano. Só que esse mais recente livro que escrevi, que foi lançado em julho deste ano, fala sobre um caminho que aparentemente é oposto à evolução das *smart cities*, da tecnologia, se inserindo nos espaços de planejamento urbano, de política urbana, de políticas públicas para melhoramento das cidades. Parece que ele fala em um caminho oposto a tudo isso. Só que não é isso, muito ao contrário.

Tenho defendido que se a gente quer ter uma *smart city*, se a gente quer ter uma cidade inteligente e se valer de todo o aparato tecnológico para melhorar a condição das cidades, então, vamos precisar compreender essa cidade e a for-

mação dessa cidade para podermos entender os problemas que ela comporta e aí, sim, pensar na tecnologia como uma possibilidade de resolver os problemas, mas de uma maneira muito realista. Eu estava comentando com o grupo, antes de a gente começar este diálogo, que atualmente tenho um projeto de podcast chamado *Já pensou?*¹⁹ A proposta é trazer discussões e assuntos que não estão na boca do povo, aqueles assuntos que vão ficando um pouco de lado e, enfim, sair da mesmice das Internets.

Comentei que abordamos, em um episódio, a "normose"²⁰, que é um conceito cunhado pelo Roberto Crema²¹. Nesse episódio, além do Roberto Crema, a gente também estava com a Vera Iaconelli²² e, em um dado momento, joguei a provocação sobre o conceito de "normose" e inteligência artificial e todas as evoluções tecnológicas estão vindo nessa esteira da IA. Todos chegamos a um consenso de que as tecnologias são maravilhosas, o ser humano que está por trás dessas tecnologias é que precisa ser revisto, de alguma forma, ou desenvolver em si um senso crítico em uma capacidade de

direcionar o uso disso tudo para algo produtivo e realmente eficiente dentro do ambiente em que a gente vive, de fato, fora do virtual.

... quando você olha para uma cidade e percebe que a fragmentação do espaço dessa cidade tem uma cor específica.

Por que estou dizendo isso? Porque a normose, justamente, é um conceito que vai falar da naturalização dos problemas que a gente vive. A gente tem uma tendência, uma consolidação mesmo de um comportamento de massa, que é ter uma sensibilidade maior para as consequências apresentadas para nós e deixar de lado um pouco as causas. Inclusive, critico muito isso quando estou dialogando com as pessoas na Internet, que tudo tem um ponto de partida e, se não conseguimos enxergar quais são esses pontos de partida, não vamos poder propor algo eficiente para resolver esses pontos de partida, esses problemas que vêm desde lá de trás.

Quando provoco "se a cidade fosse nossa", isso

19 PODCAST: JÁ PENSOU?

https://www.youtube.com/results?search_query=joice+berth+j%-C3%A1+pensou%3F%2F

20 Normose s.f.

Normótico adj. s.m. (pessoa **normótica**, comportamento **normótico**)

Tendência a seguir de forma extrema, por vezes irrefletida, hábitos e padrões de comportamento considerados normais pela sociedade, independentemente do prejuízo que causam para a saúde e o bem-estar. (Por exemplo: uso de alimentos com agrotóxicos, consumismo exacerbado, sujeição a ideais rígidos de beleza etc.)

[O termo foi cunhado pelo psicólogo e antropólogo brasileiro Roberto Crema, pelo filósofo, psicólogo e teólogo francês Jean-Yves Leloup e pelo psicólogo francês Pierre Weil, na década de 1980]

[De norm- (latim norma, ae 'regra, padrão') + -ose 'processo patológico, doença']

"Ela (**normose**) surge quando o sistema no qual existimos se encontra predominantemente doente, desequilibrado, corrompido, e quando predomina a violência, a competição e o egocentrismo. Uma pessoa adaptada a esse sistema está doente", explica o psicólogo e antropólogo Roberto Crema, um dos especialistas do assunto no Brasil. O normótico é aquele indivíduo acomodado em uma vida normal, cheia de padrões, e que segue o rebanho pelo simples fato de ser um senso comum. 'É um alguém que não se diferencia', complementa Crema."

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS 08.05.2024

<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/normose#:~:text=O%20norm%C3%B3tico%20%C3%A9%20aquele%20indiv%C3%ADduo,diferencia%2C%20complementa%20Crema.%E2%80%9D>

21 Roberto Crema formou-se em ciências sociais – antropologia e em psicologia. Realizou diversas formações humanísticas: análise transacional, gestaltterapia, terapia familiar, bioenergética, abordagem centrada na pessoa, biodança. Em 1981 encontrou-se com Pierre Weil e, através do cosmodrama, mergulhou no movimento transpessoal. Em 1987, com Pierre Weil, Jean-Yves Leloup e Monique-Thoenig, coordenou o I Congresso Holístico Internacional – I CHI, que impulsionou a fundação da Universidade Internacional da Paz – UNIPAZ. Como vice-reitor da UNIPAZ, introduziu no Brasil a formação holística de base, que irradiou a universidade no Brasil, na Argentina, Portugal, França e Bélgica. Colaborou com Jean-Yves Leloup na criação do Colégio Internacional dos Terapeutas – CIT, que coordenou no Brasil durante vinte anos. Após a passagem de Pierre Weil, em 2008, assumiu a reitoria da UNIPAZ.

ROBERTO CREMA / BIOGRAFIA 08.05.2024

<https://robertocrema.com.br/apresentacao/>

22 Vera Iaconelli (1965) é psicanalista, mestre e doutora em psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), membro do Instituto Sedes Sapientiae e da Escola do Fórum do Campo

parte de um diálogo em que as pessoas estavam afirmando: "A cidade é nossa, a gente tem que ocupar, vamos ocupar a cidade, porque a cidade é nossa". Aí eu falo, "calma, espera lá". Se a cidade fosse nossa, teríamos as coisas funcionando dessa, dessa, dessa, dessa, dessa forma. A gente não tem como afirmar que a cidade é nossa, embora estejamos ocupando as cidades, vivemos dentro da cidade, até porque não tem como viver fora da cidade, a cidade tem esse conceito do urbano, mas a gente esquece muitas vezes de falar da porção rural, que também é uma configuração de espaço de convivência.

Para mim, na minha definição de cidades, quando a gente fala em cidades, está falando de um espaço físico coletivo, onde tudo que se tem em um contexto, de repente, anacrônico, das relações humanas, vai espelhar nesse espaço. A maneira como esse espaço é organizado, dividido, construído, a maneira como a gente enxerga e lida com esse espaço está totalmente pautada por aquilo que a gente acredita que é correto viver. Então, quando a gente fala em cidade nesse contexto

urbano, vamos falar o seguinte: na cidade existe a misoginia, na cidade existe o racismo, na cidade existe a luta de classes ou a hierarquia de classes sociais, na cidade existe o etarismo, existe a gordofobia, existem as exclusões, existe o desemprego, o desamor, todos esses problemas. Todos eles.

Quando a gente pensa nas relações sociais, nas relações construídas na sociedade, a gente não consegue materializar, fica meio impalpável, a menos que a gente viva esses problemas por inteiro, na própria pele.

Vou falar para você assim: o racismo atrapalha a nossa experiência de cidadania. Você pode entender o que estou falando em termos gramaticais, linguísticos e tudo mais. Agora, em termos de vivência, no sentido empírico, já fica um pouco difícil de você experimentar, a menos que você seja negro ou negra.

Quando você olha para o espaço físico, aí você consegue entender exatamente do que estou falando. Principalmente, quando você olha para uma

Lacaniano. Pesquisa, a partir do referencial psicanalítico, a constituição da parentalidade e temas que envolvem gestação, adoção, família, gênero e costumes. É autora de várias obras, entre elas Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna (2a edição, Zagodoni, 2020) e Criar filhos no século XXI (Contexto, 2020) e vários artigos sobre o tema de sua pesquisa. É organizadora da coleção Psicanálise & Parentalidade (Autêntica/Cuit, 2020, 5 volumes). É colunista da Folha de S. Paulo e diretora do Instituto Gerar de Psicanálise.

WIKIPÉDIA 08.05.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Vera_Jaconelli

INSTITUTO GERAR DE PSICANÁLISE

<https://institutogerar.com.br/quem-somos/>

cidade e percebe que a fragmentação do espaço dessa cidade tem uma cor específica. Tomemos como exemplo São Paulo. E aí entra a questão de o racismo ser estrutural. Recentemente teve o Muniz Sodré²³, que é um grande intelectual, importantíssimo, com contribuições valiosíssimas, que deu uma entrevista na *Folha de S. Paulo*²⁴, meio que contestando o conceito de racismo estrutural trazido pelo professor e atual ministro dos Direitos Humanos, Silvio Almeida²⁵. O Silvio Almeida não cunhou esse conceito de racismo estrutural. Ele é, de fato, importado de pensadores estadunidenses. Mas a experiência de negritude lá se assemelha, em muitos casos, à experiência de negritude aqui. O Muniz Sodré fala: "O racismo não é estrutural, é institucional".

Existem alguns pensadores negros, Patrícia Hill Collins, por exemplo, que usei muito como referência quando escrevi *Empoderamento*, que fala em tecnologias das opressões: procedimentos que viabilizam o acontecimento racista em uma sociedade, ou o acontecimento de hierarquia de classes, de diferença de gênero e tudo mais.

O Muniz Sodré fala: "Não existe racismo estrutural..." Se você olha para a cidade, você entende o que é estrutural. Você pensa que a estrutura é aquilo que mantém erguida alguma coisa. Eu faço a analogia partindo do lugar de arquiteta, pensando na construção civil. Quando a gente fala da estrutura de uma edificação, estamos falando de todos os elementos que mantêm aquela edificação em pé. Você está falando de vigas, de pilares, de alicerce, todos esses elementos, se misturando e se relacionando, mantêm um edifício, uma casa, em pé. A sociedade, se a gente for fazer a analogia entre a sociedade e uma edificação, a cidade é uma edificação, uma grande casa. A estrutura dessa grande edificação seriam as opressões que vão nortear as relações dentro dessas cidades, as relações sociais dentro dessas cidades.

A questão racial, a questão de gênero, a questão de classe social e todos os outros problemas vão surgindo a partir desses elementos. Então, é nas cidades que você consegue perceber a materialização daquilo que a gente está falando que, às vezes, fica meio perdido para quem não vive isso

23 Muniz Sodré de Araújo Cabral (1942) é um sociólogo, jornalista, tradutor e professor universitário brasileiro. Professor emérito da Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e membro da Academia de Letras da Bahia, Muniz é colunista do jornal *Folha de S. Paulo* e considerado um dos maiores intelectuais brasileiros no campo da comunicação. Foi presidente da Fundação Biblioteca Nacional de 2009 a 2011 e fundador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da ECO. Um dos poucos teóricos brasileiros na área de comunicação que têm circulação e respeitabilidade no exterior, sendo palestrante de diversas instituições, em países como Suécia, França, Estados Unidos, Espanha, Portugal, Colômbia, Bolívia, Uruguai, Peru, dentre outros. Em dezembro de 2022, foi agraciado com a Medalha Tiradentes, mais alta honraria expedida pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

WIKIPÉDIA 09.05.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Muniz_Sodre%C3%A9

24 ACEITO A EXPRESSÃO, MAS RACISMO NÃO É ESTRUTURAL NO BRASIL, DIZ MUNIZ SODRÉ

EM NOVO LIVRO, SOCÍLOGO DIZ QUE FALTA BASE CIENTÍFICA AO CONCEITO E PROPÕE NOVA RADIOGRAFIA DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL

O FASCISMO DA COR: UMA RADIOGRAFIA DO RACISMO NACIONAL

MUNIZ SODRÉ

Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2023.

FOLHA DE S. PAULO, ILUSTRÍSSIMA, 18.MAR.2023, ACESSO 09.05.2024

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2023/03/aceito-a-expressao-mas-racismo-nao-e-estrutural-no-brasil-diz-muniz-sodre.shtml>

25 Silvio Luiz de Almeida (1976) é um advogado, filósofo e professor universitário brasileiro, atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil. Reconhecido como um dos grandes especialistas brasileiros acerca da questão racial, preside o Instituto Luiz Gama e é autor dos livros *Racismo estrutural* (Polen, 2019), *Sartre: direito e política* (Boitempo, 2016) e *O direito no jovem Lukács: a filosofia do direito em História e consciência de classe* (Alfa-Ômega, 2006). Formou-se em direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e em filosofia pela Universidade de São Paulo. É mestre em direito político e econômico pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e doutor em Teoria Geral do Direito pela Universidade de São Paulo.

WIKIPÉDIA 09.05.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Silvio_Almeida

na pele ao longo da sua existência.

Costumamos falar: "O machismo existe". Existe a questão de gênero. O gênero organiza a sociedade. Aí, um homem, um macho, fica um pouco difícil de entender o que isso significa. Quando você olha para as cidades, você percebe o seguinte: eu, homem, posso andar pelas cidades sem grandes preocupações com relação ao meu corpo, porque ninguém enxerga o meu corpo como um elemento público, que alguém pode chegar a pegar... A gente não vê os homens sendo agarrados na rua, estuprados, sofrendo assédio, sendo apalpadados no transporte público, a gente não vê isso acontecendo.

Isso acontece com mulheres. Até pode existir com homem, muitas vezes tem algumas argumentações, já conheço um caso de um homem que foi estuprado. Mas quando você vai olhar os números, as estatísticas, você tem 50 mulheres para 5 homens, se tanto. Então você está falando de um problema estrutural. E como é que você sabe que esse problema é estrutural? Você sabe, se

você olha para as cidades, como é que a cidade se comporta? O homem experimenta a cidade da mesma maneira que a mulher? Uma pessoa negra experimenta a cidade do mesmo jeito que uma pessoa branca?

Algum autor chegou a citar a questão do *shopping center*. O *shopping center*, hoje em dia, estávamos falando que é um templo, é o templo do consumismo, mas, ao mesmo tempo, ele é um símbolo muito forte da nossa desconexão com o espaço. As pessoas já chamam o *shopping center* de praia do paulistano. Não tem como o *shopping center* ser praia ou ter o mesmo efeito psíquico que uma praia vai proporcionar na nossa experiência de vida: você estar em uma praia diante do mar, da natureza, areia, pessoas ao redor. É uma experiência que... não pensando profundamente nos problemas que podem acontecer nesse ambiente, como os arrastões, por exemplo, mas, grosso modo, é uma experiência agradável, de relaxamento.

Agora, quando você está dentro de um *shopping center*, você tem provocações múltiplas que vão

te remeter a um desempoderamento econômico. Você, negro, negra, vai passando por um shopping e aí você tem olhares esquisitos, que pensam que você vai, sei lá, furtar ou roubar alguma coisa dentro de uma loja ou se você não estiver vestido de maneira apropriada, vão te olhar torto, tipo: "Quem deixou essa pessoa entrar nesta loja aqui?". E outras coisas mais. Fora que você está confinado, confinada, dentro de um espaço exposto a vários tipos de informação, uma poluição visual, uma poluição sonora muito grande e essa experiência é mais estressante do que a gente consegue perceber.

Quando o período escravocrata finaliza, juridicamente chega ao final da escravidão, você tem uma reparação desses quase quatro séculos que essas pessoas passaram ali em trabalhos forçados?

Quero voltar a essa coisa de que eu estava falando, a "normose", essa doença da normalidade que temos atualmente. Eu lembro de Roberto Crema ter falado assim:

[...] se o mundo acabar, se essa sociedade for destruída, não vai ser por conta dos neuróticos nem dos psicóticos, vai ser por causa dos normóticos, que são as pessoas que estão em um estado de letargia para os problemas sociais e, conseqüentemente, para os problemas sociais com que se deparam o tempo inteiro nas cidades.

Chegou-me uma foto no WhatsApp, uns dois meses atrás, de uma calçada com uns meninos amontoados que tinham dormido ali, provavelmente, oriundos da Cracolândia²⁶, porque tem essa política pública enviesada de dispersar em vez de cuidar, de alguma forma, do problema que está ali, que tem solução, que pode ter solução, ou poderia, se houvesse uma boa vontade política, até porque ele é uma consequência de todas as questões que abordo em *Se a cidade fosse nossa*, é um produto da História, a História é continuidade.

O que acontece hoje vai reverberar daqui a dez, quinze, vinte anos. A gente talvez não veja os efeitos, a gente não consegue mensurar, exatamente,

²⁶ **Cracolândia** (de crack, crack+lândia = terra do crack) é a denominação comum para uma população em situação de rua, composta, na sua maioria, por dependentes químicos e traficantes, geralmente de crack, que costuma ocupar uma determinada área no centro da cidade de São Paulo.
WIKIPÉDIA 06.08.2024
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cracol%C3%A2ndia>

a profundidade dos efeitos do confinamento da pandemia, por exemplo. Isso a gente vai conseguir, com maior clareza daqui, a dez anos, daqui a vinte anos, que aí você vai falar, poxa, as pessoas, depois da pandemia, lembro que era assim, a gente nem percebia que estava assim, mas estava dessa forma, e aí a gente consegue visualizar melhor, porque a história é isso, é um bonde que vai andando, não vai parando, vai deixando o seu rastro e os seus problemas também que precisam ser mediados.

Para a gente sair desse estado de normose, é importante que a gente consiga fazer uma regressão ao passado. Em Se a cidade fosse nossa, estou falando de todas as questões, dando uma grande pincelada em vários problemas, jogando mesmo no colo das pessoas diversos pensamentos que são o ponto de partida daquilo com que a gente lida hoje em dia. Se hoje em dia temos uma Cracolândia, a gente tem um contingente gigantesco de pessoas em situação de rua. Aí você vai olhar os números: você tem 80% do contingente de pessoas em situação de rua que eu chamo

de extremo do extremo da pobreza e você tem um nicho dentro da região central, do centro velho, porque aquela região também já foi uma região central, uma centralidade. Você tem ali uma Cracolândia e você está lidando com problemas que vêm lá do passado. E um deles se forma no pós-abolição, por exemplo. No pós-abolição, você tinha lá um contingente de pessoas trazidas de outro continente de maneira forçada para prestar trabalhos, para prestar mão de obra, para construir riquezas.

Quando esse período escravocrata se finaliza, juridicamente chega ao final da escravidão, você tem uma reparação desses quase quatro séculos que essas pessoas passaram ali em trabalhos forçados? Você não tem uma reparação. Como diz Flávio Vilaça²⁷, que é uma das referências que eu trago no livro: "O pós-abolição foi o seguinte, acabou, vocês têm a rua para andar".

Citei a exposição do Sesc do Carmo e eu me lembro que a gente queria levar para lá um quadro que reflete bastante, que mostra bastante esse

27 O professor **Flávio Vilaça**, arquiteto e urbanista, morreu aos 91 anos, em São Paulo, em 29 de março de 2021. Flávio Vilaça formou-se pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; Master of City Planning pelo Georgia Institute of Technology, Atlanta, Ga. EUA, 1958; doutor em geografia humana pela Universidade de São Paulo, 1979; pós-doutorado no Departamento de Geografia da Universidade da Califórnia, Berkeley, EUA, 1985. Atuou em diversos órgãos públicos e empresas dedicados ao planejamento urbano, como o Departamento de Urbanismo da Prefeitura Municipal de São Paulo, a Sociedade para Análise Gráfica e Mecanográfica Aplicada aos Complexos Sociais (Sagmacs), a Hidroservice, a Fundação Faria Lima-Cepam e na Coordenadoria Geral de Planejamento de São Paulo. Foi professor titular de planejamento urbano na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. É também autor de diversos livros: O que todo cidadão precisa saber sobre habitação; As ilusões do Plano Diretor; Os transportes sobre trilhos na Região Metropolitana de São Paulo, entre outros.

CAU BR – CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL

<https://caubr.gov.br/planejamento-urbano-brasileiro-de-luto-morre-o-professor-flavio-villaca/>

processo tão violento, talvez o mais violento de todo o processo escravista, tenha sido justamente o pós-abolição. E a gente queria levar um quadro chamado *Preta Quitandeira*²⁸, que é do Antônio Ferrigno²⁹, datado de 1905, mas alguns historiadores acham que ele foi pintado um pouco antes, entre 1899 e 1905, mais ou menos. Nessa fase, Antônio Ferrigno estava passando pelo Brasil e pintou a Preta Quitandeira. Esse quadro é uma mulher negra de turbante, roupa tipo um lençol quase costurado no corpo, uma roupa bem precária. Ela está sentada em um chão de terra, com uma expressão totalmente cansada, bem caída, apoiando o queixo, e aí você consegue ver alguns elementos que remetem a esse começo de século.

Para nós três curadores, aquilo foi muito marcante. A gente queria levar para exposição, para mostrar, justamente, esse sentimento do pós-abolição, que é o sentimento de incerteza, quer dizer, é um segundo momento em que os descendentes ou ascendentes africanos estavam livres, e seria motivo de grande felicidade, mas, ao mesmo tempo, para onde eles estavam indo? O que eles

iam fazer nessa cidade que estava agora começando, e eles não tinham para onde ir, o que fazer e, ainda por cima, muitas legislações da época cerceando mais ainda as possibilidades que eles tinham, porque a gente teve o Código de Condutas proibindo muitos ofícios que a negritude podia exercer para ganhar um trocadinho para a subsistência. Era proibido porque havia europeus chegando, então, o governo brasileiro queria o quê? O governo português queria o quê? Jogar na mão dos europeus esses postos de trabalho, essas vagas. Você tinha também um código de conduta, a Lei da Vadiagem³⁰.

[...] esse povo que, no pós-abolição, não tinha onde morar, não tinha como trabalhar, não tinha como se sustentar, os remanescentes desse povo é a população em situação de rua.

A *Preta Quitandeira* era aquela mulher negra sobre quem recaía a responsabilidade pelo sustento da sua família e, muitas vezes, de outras. Então, o que ela podia fazer, se já não podia mais prestar o serviço que fazia antigamente? Ia montar uma

28 GOOGLE ARTS & CULTURE

<https://artsandculture.google.com/asset/preta-quitandeira-antonio-ferrigno/kAGfNkgrBBAAPA?hl=pt-br>

29 Antonio Ferrigno (1863 – 1940) foi um pintor italiano da Scuola di Maiori. Seu pai, Vincenzo trabalhava no campo e sua mãe, Maria Giuseppa Pisani, cuidava da casa e dos filhos. Veio a São Paulo em 1893, onde permaneceu até 1905. Ficou conhecido como "o pintor do café", devido às telas que executou a convite do conde de Serra Negra, Manuel Ernesto da Conceição. O cafeicultor o contratou para retratar sua fazenda, Victória, em Botucatu, no interior de São Paulo. Durante sua estadia em São Paulo, fez diversas viagens em companhia do pintor Rosalbino Santoro pelo interior do Estado. Ferrigno continuou a retratar produções cafeeiras, reproduzindo as etapas do plantio do café, como na série de quadros "Fazenda Santa Gertrudes". Produziu telas importantes, como *As Lavadeiras* (1896) e *A mulata quitandeira* (1902).

WIKIPEDIA 09.05.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Antonio_Ferrigno

³⁰ No contexto do código penal brasileiro, mais especificamente no âmbito da lei de contravenções penais de 1942, a **vadiagem** configurava crime de quem se entregava "*habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que assegure meios bastantes de subsistência, ou de prover a própria subsistência mediante ocupação ilícita*". A origem da criminalização da vadiagem no país é, no entanto, muito anterior, aparecendo por exemplo no Código Penal de 1891, no qual vadio incluía a exibição pública de "*exercícios de habilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação de capoeiragem*". No ano de 2012, no entanto, a Câmara dos Deputados aprovou projeto de lei que a descriminaliza, proposta cuja autoria foi do ex-deputado e ex-ministro da Justiça Eduardo Cardozo.

WIKIPEDIA 10.05.2024

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Vadiagem>

barraca e vender os quitutes dela nas ruas. Até brinco, brinco não, brinco, mas estou falando sério mesmo. O feminismo fala muito do sufrágio. E aí o sufrágio, a luta das mulheres brancas, das mulheres para irem para o mercado de trabalho. Só que a mulher negra nunca esteve fora do mercado de trabalho. Sempre trabalhou, a mulher negra sempre esteve trabalhando. Não sai de uma condição de propriedade do senhor de engenho para a mulher operária que vai prestar seu serviço na cidade. Ela não tem isso. Está desde o começo oferecendo a sua mão de obra, com homens negros, construindo as riquezas dos brancos. A Preta Quitandeira sintetiza bastante isso. Esse povo que, no pós-abolição, não tinha onde morar, não tinha como trabalhar, não tinha como se sustentar, os remanescentes desse povo é a população em situação de rua.

Mas como é que a gente chega a essa conclusão? A gente chega a essa conclusão quando pensa que 80% do contingente de pessoas que vivem em situação de rua são pessoas negras, são homens negros, mas também são mulheres

negras, majoritariamente, homens negros. Aí você fala assim: "Mas e aí, Joice?". Aí que você pega, por exemplo, você vai ali na Mooca, ou você vai ali na Pompeia (dois bairros da capital paulista), pega uma casa simples, sem muita pompa e você pergunta para aquela pessoa como que ela conseguiu aquele imóvel no qual ela está morando. Ela vai te contar que o pai dela, o avô dela, o bisavô dela, veio da Itália, e aí, quando chegou aqui, deu um duro danado, conseguiu um empreguinho de carregar caixa, de fazer isso, fazer aquilo. E juntou dinheiro. E quando chegou lá, era tudo mato, teve que construir a casa aos poucos. E aquela casa ficou para o pai; o pai melhorou a casa; aquela casa ficou para o tio; o tio melhorou a casa e a coisa foi andando até chegar nos dias de hoje, para que essa pessoa pudesse, possivelmente, ter condições de ter o seu imóvel próprio.

Mas ela já parte de um lugar mais confortável, que é o lugar de ter algo para sobreviver, para começar a construir a sua história de alguma forma. É importante sempre, quando a gente está falando das opressões de raça, de gênero, a gente não

esquecer da perspectiva de classe social, porque nem todo branco é rico e a gente está caminhando por um lugar, por uma configuração de sociedade que, em algum momento, nem todo negro será, exatamente, pobre, porque as condições, a mobilidade social vai acontecendo, as pessoas negras estão indo para a universidade, estão estudando, estão buscando uma melhoria de vida ainda com muita luta, com muito sacrifício. Alguns começam a despontar para outro patamar.

Os Racionais MCs³¹ têm uma música na qual eles falam uma coisa que acho muito importante entender, que é o seguinte: "preto e branco pobres se parecem, mas não são iguais"³². Isso é importante de reconhecer. Temos pessoas brancas que também experimentaram um lugar de precariedade socioeconômica, mas existe um capital político dado pela raça que vai fazer com que essa pessoa branca tenha mais chances de sair desse lugar de precariedade do que uma pessoa preta, uma pessoa negra, uma pessoa indígena, uma pessoa preta ou parda, que hoje em dia o IBGE coloca na categoria de negra.

Então, como é que se configurou essa nossa cidade? Com o pós-abolição, com alguns europeus que ficaram de fora do sistema de cotas que a coroa portuguesa montou, porque a coroa portuguesa trouxe muita gente para cá no sistema de cotas:

Você vem para cá, vão te dar um pedacinho de terra para você conseguir começar a construir a sua vida, você tem aqui um empréstimo financeiro para você tentar montar a sua vida, você tem isso, aquilo, aquilo, aquilo.

Teve muitas pessoas europeias, japoneses também vieram para cá nessas condições, que ganharam esse bônus. Foram muitos? Foram, mas muitos também não vieram com esse incentivo. E aí, para onde essas pessoas foram? Essas pessoas viraram os operários das fábricas, foram se virar como podiam, com seu mercadinho, com a sua padariazinha, com o seu trabalho braçal e tudo mais.

31 Racionais MC's é um grupo brasileiro de rap fundado em 1988 na cidade de São Paulo. É formado por Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay. É o maior grupo de rap do Brasil e está entre os grupos musicais mais influentes do país e da música brasileira. Suas canções demonstram a preocupação em denunciar a destruição da vida de jovens negros e pobres das periferias brasileiras e o resultado do racismo e da violência policial, ao sustentarem a miséria diretamente ligada com a violência e o crime. Temas como a brutalidade da polícia, do crime organizado e do Estado, bem como o preconceito, as drogas e a exclusão social são recorrentes nas letras do conjunto. Embora inicialmente conhecido apenas na capital paulista, o grupo conseguiu alcançar sucesso nacional e internacional a partir dos álbuns Raio X Brasil (1993), Sobrevivendo no inferno (1997) e Nada como um dia após o outro dia (2002).

WIKIPEDIA 13.04.2024
https://pt.wikipedia.org/wiki/Racionais_MC's

32 Os sociólogos preferem ser imparciais E dizem ser financeiro o nosso dilema Mas se analisarmos bem mais você descobre Que negro e branco pobre se parecem Mas não são iguais

RACISTAS OTÁRIOS

MANO BROWN

Racionais MC's/Holocausto urbano

VAGALUME / RACIONAIS MC'S 13.05.2024

<https://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/racistas-otarios.html>

[...] onde está majoritariamente a negritude? Está nas periferias e nas áreas de favela. E as pessoas brancas estão concentradas nesses lugares que são chamados hoje de centralidades.

Temos uma sociedade que é dividida por raça, por classe e por gênero. Essa sociedade está espelhada na configuração das cidades. As periferias, que chamo de senzala/quilombo, porque as pessoas têm a ideia de senzala como um lugar de passividade, de aceitação de condição. Não é bem assim. Era nas senzalas que se articulavam os quilombos. As senzalas organizavam as revoltas que iam descambar lá no quilombo. Quilombo era um lugar de luta aberta contra o sistema escravista. E essa luta era construída a partir das senzalas.

Hoje, onde está esse local dentro das cidades? Está na periferia, está nas áreas de favela que é onde você experimenta uma precariedade mais intensa. As periferias não são homogêneas, elas têm suas diferenciações, sobretudo quando a gente vai olhar as classificações que a própria prefeitura dá. Eu morava em um lugar, no Jaraguá,

em uma localização, que no catálogo, no mapeamento da prefeitura, constava como favela. Mas, se você olhasse ao redor desse lugar, não diria que ali era uma favela, não tinha essa cara, esse rosto clássico que caracteriza a favela. A periferia não é homogênea, mas é, sem dúvida, um lugar da pobreza, da exclusão, do descaso do poder público. E aí você tem a "casa grande" que são as centralidades. Antigamente, a centralidade era um conceito geográfico. Hoje, não é mais. Hoje, quando você fala no centro da cidade, você está falando de uma condição socioeconômica. Lembro-me de quando era criança, por exemplo, a praça da Sé era o centro, era o marco zero da cidade de São Paulo. A localização geográfica fazia com que ali fosse o centro. Hoje, a praça da Sé não é mais. O marco zero hoje é o Centro Velho.

Atualmente, temos um Centro Novo, ou as centralidades novas: Berrini, Cerqueira César, Consolação. E quando você olha, as características não são exatamente geográficas, são socioeconômicas. Hoje, a centralidade é onde o dinheiro está. A casa grande é onde o dinheiro está, nessa centra-

lidade. Por que chamo de casa grande? Quando você olha o mapeamento da concentração, da característica da concentração de gente do adensamento das cidades, onde está majoritariamente a negritude? Está nas periferias e nas áreas de favela. E as pessoas brancas estão concentradas nesses lugares que são chamados hoje de centralidades. É nesses lugares, nessas centralidades, que você tem as maiores rendas per capita, a melhor infraestrutura, todos os equipamentos de cultura, de lazer, todo o esquema de mobilidade urbana, ou seja, são lugares onde você tem o conforto garantido.

Se você pensa, por exemplo, nas subprefeituras de Pinheiros, Vila Mariana, Vila Nova Conceição, que até dois anos atrás era o metro quadrado mais caro de São Paulo. Quando você pensa nesses locais, se você for dar uma busca, você não encontra pessoas negras, a não ser oferecendo serviços. Quando você vai para o Capão Redondo, quando você vai para o Grajaú, ali está, majoritariamente, a população negra convivendo. "Ah, mas não tem algumas pessoas brancas ali?". Com certeza tem,

como eu estava falando agora. A classe social também dá o tom das desigualdades que temos. Mas a possibilidade dada pela questão racial vai fazer com que essas pessoas vivam nessas periferias de uma maneira um pouco mais confortável do que o padrão.

Isso caracteriza as nossas cidades, isso é um grande problema, e aí sempre deixo a provocação. Como a gente vai ter uma cidade inteligente, como é que a gente vai ter uma *smart city*, se essa tecnologia que vem para nos trazer ferramentas de mediação dos problemas não estiver olhando para essas questões sociais com o cuidado que merecem? Pensando desde onde começam até as novas expressões que têm na atualidade. Como é que você consegue pensar, por exemplo:

Vamos fazer uma automação de um ponto de ônibus para que a pessoa consiga enxergar todo o itinerário que esse ônibus vai fazer, vai circular.

Isso seria um dos elementos que poderia ter em uma cidade inteligente. A pessoa programar ali, no momento em que vai entrar no ônibus, ela pode fechar sua cabine. Uma série de coisas legais dá para fazer com a tecnologia, e vejo propostas aí, possibilidades pululando. Dá a impressão até de que, daqui a alguns anos, a gente vai estar naquela cidade dos *Jetsons*³³, daquele desenho *Os Jetsons*. Quando era criança, eu adorava aquele desenho, aquela coisa futurista.

A gente caminha para um lugar que dá a entender que vai chegar nisso, mas as desigualdades vão ser de alguma forma observadas?

Quanto mais você estimular as pessoas a andarem de transporte público ou estimular a mobilidade ativa, o caminhar, se deslocar pelas cidades andando, sempre que possível, aí você está caminhando por uma cidade inteligente, de fato.

Outro problema que a gente pode pensar nas cidades é a questão da mobilidade. A mobilidade

é o maior estruturador das cidades, porque é a mobilidade que está dizendo que você tem direito de ir e vir. Ela deveria ser, inclusive, inserida no rol de direitos fundamentais, tanto quanto alimentação, educação, lazer. A mobilidade também é extremamente importante. E quando você olha para o espaço das cidades, você também percebe que existe uma intenção declarada, ou velada, da parte de quem está organizando a mobilidade urbana. Em outras grandes cidades do mundo, sobretudo na Europa, tem uma movimentação encaminhando as pessoas para uma reflexão mais profunda de como poderíamos ter cidades mais saudáveis, inclusive, do ponto de vista psíquico. E essa cidade mais saudável implica a retirada do protagonismo do carro. Nossas cidades têm sido totalmente planejadas para o automóvel. O começo da nossa urbanização já começa nessa ideia de desenvolvimento colada com o carro que, na época, vai ser a grande expressão de avanço tecnológico.

Quando você pensa na urbanização das cidades brasileiras como um todo, sobretudo, São Paulo, Rio, você tem os planos das grandes avenidas,

³³ **The Jetsons** (em português **Os Jetsons**) é uma série animada de televisão produzida pela Hanna-Barbera, exibida originalmente na ABC entre 1962 e 1963. Foi exibida no Brasil pela TV Excelsior. Mais tarde a série foi relançada com novos episódios produzidos entre 1984 e 1987, como parte do programa The Funtastic World of Hanna-Barbera. Foi exibida no canal brasileiro SBT. Tendo como tema a "Era Espacial", a série introduziu no imaginário da maioria das pessoas o que seria o futuro da Humanidade: carros voadores, cidades suspensas, trabalho automatizado, toda sorte de aparelhos eletrodomésticos e de entretenimento, robôs como criados e tudo que dá para se imaginar do futuro.

WIKIPÉDIA 13.05.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Jetsons

você tem todos os planejamentos urbanos acontecendo a partir da ideia do deslocamento pelo carro. Em uma cidade que está nascendo, em um espaço urbano que está começando, lá atrás, 1900, 1905, 1910, parece que vai ficar tudo numa boa, tranquilo, legal, o carro está aí, vai ficar tudo muito bem. Só que aí a gente chega em 2023 e, em muitos momentos, um deslocamento que você faria em 15 minutos leva 40 minutos, porque você está preso no trânsito.

Aí você olha para o transporte público; "Por que ele não está sendo oferecido de maneira consistente?". Eu fiquei sabendo que em São Paulo, acho que a cidade de São José dos Campos já definiu, São Paulo já sancionou a lei da tarifa zero. O transporte público vai ser 100% gratuito aos domingos. Isso é uma medida totalmente *smart city*, é totalmente pensar em uma cidade inteligente. Quanto mais você estimular as pessoas a andarem de transporte público ou estimular a mobilidade ativa, o caminhar, se deslocar pelas cidades andando, sempre que possível, aí você está caminhando por uma cidade inteligente, de fato. Agora, para essa

cidade ter condições para que essa mobilidade ativa aconteça, a gente também precisa que ela esteja olhando para os seus pormenores técnicos que se acomodam dentro das cidades.

Neste momento, você falar em andar, por exemplo, para uma pessoa idosa, que tem que caminhar pelas cidades ou para uma pessoa que tem restrição de mobilidade, por exemplo, um cadeirante, uma pessoa que tem algum tipo de deficiência, não faz sentido. Como essa pessoa vai se deslocar pelas cidades se a cidade é totalmente difícil, propícia ao acidente. Uma pessoa idosa pensa várias vezes antes de sair de casa sozinha, porque ela pode tropeçar no buraco de uma calçada, pode passar por uma rua estranha e sofrer algum tipo de violência e uma série de outros inconvenientes que a cidade atualmente oferece para as pessoas.

Tem um arquiteto holandês, o Jan Gehl³⁴, que fez o projeto do Anhangabaú, área central de São Paulo, de reforma do Anhangabaú, de revitalização do Anhangabaú. Eu odeio aquele projeto, não gosto

34 **Jan Gehl** (1936) é um arquiteto e urbanista dinamarquês, professor universitário aposentado e consultor, cuja carreira foi construída com base no princípio de melhorar a qualidade de vida urbana através da reorientação do planejamento urbano em favor de pedestres e ciclistas. Gehl é mestre em arquitetura pela Academia Real de Belas Artes da Dinamarca, onde foi professor. Foi professor visitante em diversos países, como Canadá, Estados Unidos, Nova Zelândia, México, Austrália, Alemanha, Polônia e Noruega. É sócio fundador da Gehl Arquitetos. Na obra *Novos espaços urbanos*, escrita em parceria com o também arquiteto e urbanista Lars Gemzøe, Gehl dá o exemplo de Copenhague, cidade que em 40 anos evoluiu de ser amigável a carros para se tornar uma cidade confortável para pedestres. Strøget, tida como uma das maiores ruas do mundo exclusivas para pedestres, é exemplo do trabalho desenvolvido por Gehl na cidade.

WIKIPEDIA 13.05.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jan_Gehl

dele, de jeito algum. Mas gosto muito desse arquiteto, gosto muito da reflexão que ele faz sobre cidades. Ele tem um livro chamado *Cidade para as pessoas*³⁵, e acredito que isso seria pensar o ponto de partida para uma cidade inteligente. A gente começa a pensar na cidade para as pessoas. E a gente começa a pensar na cidade para as pessoas refletindo sobre o deslocamento que essas pessoas fazem dentro da cidade. Pensando na mobilidade das pessoas dentro da cidade. Tirando o protagonismo dos carros.

A gente vive num momento de "carrocracia", segundo Marcelo de Troi³⁶, um urbanista baiano, que criou esse termo, porque fala da supremacia dos carros na cidade, que é isso que temos atualmente. A cidade é para os carros, não para as pessoas. E a gente teve um planejamento urbano que não foi para as pessoas, foi para os carros. Precisamos começar a pensar em maneiras de tirar esse protagonismo dos carros e trazer de volta o protagonismo para as pessoas, para a caminhabilidade, para as bicicletas, enfim. Para que as pessoas tenham a sua cidadania resgatada.

A gente pula corpos que estão jogados na calçada, a gente passa pela população em situação de rua e já nem sente mais nada, nem raiva, nem medo, nem pena, nem vontade de ajudar, nem nada.

Outro pensador do espaço urbano que uso muito como referência é o Milton Santos³⁷ que tem um conceito muito legal que fala sobre "cidadania mutilada". Grosso modo, somos todos cidadãos e cidadãs; agora, na prática, temos uma cidadania que é suprimida por esses problemas todos que a gente tem nas cidades. Uma vez que você não consegue vivenciar a cidade de maneira plena, isso faz com que você automaticamente não possa, de fato, se dizer um cidadão ou uma cidadã. Ou você pode se dizer um cidadão mutilado, dentro dessa perspectiva de reflexão do geógrafo Milton Santos. Ele fala em cidadania mutilada. E usa exatamente esses grupos que eu estou tratando, que são mulheres, negritude, pessoas pobres, pessoas idosas, crianças, pessoas com deficiência física. Todas essas pessoas têm uma experiência de cidade que não é plena. Se não é plena, não temos

35 CIDADES PARA PESSOAS

JAN GEHL

Editora Perspectiva, São Paulo, SP, 2a edição, 2013.

36 Marcelo de Troi. Doutor em Cultura e Sociedade, pesquisador multidisciplinar, consultor e assessor de comunicação. Editor, repórter e coordenador de projetos na área governamental e no setor privado. Nos últimos anos, tem realizado pesquisas sobre o espaço urbano, mobilidade, direito à cidade e ativismos. É pesquisador associado do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos da Universidade Federal da Bahia. É editor assistente da revista *Periodicus*.

LINKEDIN 06.08.2024

<https://br.linkedin.com/in/marcelo-de-troi-612290207>

37 Milton Almeida dos Santos (1926 – 2001) foi um geógrafo, escritor, cientista, jornalista, advogado e professor universitário brasileiro. Considerado um dos mais renomados intelectuais do Brasil no século XX, foi um dos grandes nomes da renovação da geografia no Brasil ocorrida na década de 1970. Embora graduado em Direito, destacou-se por seus trabalhos em diversas áreas da geografia, em especial nos estudos de urbanização do Terceiro Mundo e por seus trabalhos sobre a globalização nos anos 1990. Sua obra caracterizou-se por apresentar um posicionamento crítico ao sistema capitalista e seus pressupostos teóricos dominantes na geografia de seu tempo. Foi professor da Universidade Federal da Bahia, da Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne, da Universidade Columbia, Universidade de Toronto, da Universidade de Dar es Salaam e da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da USP, onde se tornou professor emérito. Recebeu diversos títulos acadêmicos e honorários, entre os quais o prêmio Vautrin Lud, o de maior prestígio e uma espécie de Nobel na área da geografia e foi agraciado postumamente em 2006 com o prêmio Anísio Teixeira.

WIKIPEDIA 13.05.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Milton_Santos

uma cidadania de fato. Somos cidadãos mutilados, cidadãs mutiladas.

Eu queria citar também um outro arquiteto que, na verdade, é um escultor, que expôs no Museu de Arte Moderna de Nova York, em 2016, se não me engano, em 2015, enfim. E ele tem um trabalho muito legal que tenho trazido sempre para as minhas palestras, para os meus diálogos sobre a cidade. Ele não entrou como referência em *Se a cidade fosse nossa*, mas tenho trazido nas palestras para falar que a gente precisa, sim, pensar nas *smart cities*, nessas possibilidades que o boom tecnológico pode nos trazer, e colocar, inclusive, esse aparato tecnológico, essas possibilidades tecnológicas para criar utopias, que é isso que o Bodys Isek Kingelez³⁸ propôs.

Ele construía, pegava sucatas e coisas que seriam dispensadas, e construía esculturas incríveis, coloridas, pensando em uma utopia de cidades. E acho que, neste momento, a gente precisa resgatar o nosso poder de sonhar com a sociedade que a gente quer.

A sociedade vem mudando consideravelmente, não tem sido uma mudança muito fácil e nem muito agradável, esbarra em várias manifestações de desgosto de muitos. A gente ouve muito: "Isso é mimimi, isso é uma grande bobagem". E as pessoas ficam muito nervosas.

A gente tem que entender que toda mudança, todo processo de mudança é tortuoso, é doloroso. A gente está falando de coisas que estão arraigadas na sociedade e nas cidades. Então, falar que a verticalização não é algo inteligente de se continuar, que a gente precisa pensar em outras soluções que possam equacionar os déficits educacionais e todas as outras demandas que a sociedade tem, gera uma revolta, gera reações acaloradas, apaixonadas:

Não queremos, não pode ser assim, isso é mimimi, isso é bobagem, agora até a cidade vai falar que tem cor, agora até isso, a cidade machista e não sei o quê.

Temos que ter em mente que estamos lidan-

38 Bodys Isek Kingelez ou Jean Baptiste (1948 – 2015) foi um escultor e artista congolês conhecido por seus modelos de cidades fantásticas, feitos de papelão, papel, fita e outros materiais comuns. Seu trabalho foi apresentado em inúmeras exposições ao redor do mundo, incluindo exposições no Centro Georges Pompidou, em Paris, no Museu de Arte Moderna de Nova York e na exposição Documenta em Kassel.
WIKIPEDIA 06.08.2024
https://en.wikipedia.org/wiki/Bodys_Isek_Kingelez#Work

do com coisas que estão consolidadas e que a reflexão sobre cidades está obedecendo também a essa normose que paira sobre a sociedade, que é essa naturalização dos grandes problemas que temos nas cidades. A gente pula corpos que estão jogados na calçada, a gente passa pela população em situação de rua e já nem sente mais nada, nem raiva, nem medo, nem pena, nem vontade de ajudar, nem nada.

A gente fica muito feliz que exista o padre Júlio Lancelotti³⁹, mas o padre Júlio faz a parte dele e a nossa parte? A gente não tem feito. A gente está mexendo com todas essas crenças que estão consolidadas na sociedade. Temos que buscar um fresco ou um alívio nesse pensar em outras possibilidades de cidade, em outras possibilidades de convivência social. A gente tem, sim, que pensar na possibilidade de uma erradicação do racismo como uma violência institucionalizada, a erradicação do machismo. A gente tem que pensar nas cidades inclusivas, a cidade que convida ao encontro, a cidade que é pautada pela e para a nossa subjetividade, a cidade que traz o nosso

melhor, que desperta o nosso melhor, que faz com que a gente se sinta pertencente ao espaço e, ao mesmo tempo, se sinta dotada de um poder social suficiente para interferir nesse espaço de alguma forma, visando uma colaboração maior.

Temos que sonhar com essa *smart city*, com essas cidades inteligentes, com essas cidades que a tecnologia pode nos proporcionar. A gente deve pensar nessas utopias de cidade para conseguir, inclusive, resistir aos diversos confrontos que ainda irão acontecer, porque é inevitável.

A Câmara Municipal de São Paulo vai começar a discutir o zoneamento. O zoneamento é de extrema importância para essas mudanças sociais que a gente gostaria de consolidar. A gente tem um zoneamento que tem contribuído para que essas fragmentações continuem, para que continue uma alta densidade de pessoas negras no Capão Redondo, no Grajaú, na cidade Tiradentes, e as centralidades continuem predominantemente brancas nos espaços da Vila Mariana, Vila Madalena, Pinheiros, Berrini.

39 Júlio Renato Lancellotti (1948) é um pedagogo e sacerdote católico brasileiro. Atualmente exerce a função de pároco da paróquia de São Miguel Arcanjo, no bairro da Mooca, na cidade de São Paulo. Além da paróquia, o padre é responsável pelas missas realizadas na capela da Universidade São Judas Tadeu, situada na mesma rua, e também exerce a função de vigário episcopal para a Pastoral do Povo da Rua da Arquidiocese de São Paulo. Atua junto a menores infratores, detentos em liberdade assistida, pacientes com HIV/Aids e populações de baixa renda e em situação de rua. Acredita na pessoa humana acima de tudo, "como imagem e semelhança de Deus" e considera que todos os cidadãos devem ter seus direitos respeitados. Em 26 de julho de 1991, fundou a "Casa Vida I" e, posteriormente, a "Casa Vida II", para acolher crianças portadoras do vírus HIV.
WIKIPEDIA 13.05.2024
https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BAlio_Lancellotti#Casa_de_extors%C3%A3o

É no zoneamento que a gente consegue não só visualizar essas fragmentações da cidade, como influenciar nessas fragmentações também. Romper com essas lógicas. Eu estava falando na exposição do Sesc do Carmo e trouxe essa discussão da "centralidade versus periferia". Quando você pensa num equipamento como o Sesc, por exemplo, o Sesc é um equipamento extremamente democrático. Eu considero o Sesc um equipamento extremamente democrático que oferece os mais variados tipos de serviços altamente qualificados para as pessoas, independente do sexo, da raça, da classe social, do lugar da cidade onde mora. Inclusive, a gente tem o Sesc Itaquera, por exemplo, o mais importante espaço de convivência e cultura da Zona Leste de São Paulo. Acabou de ser inaugurado o Sesc Casa Verde. Foi superbacana, não fui à inauguração, mas fiquei sabendo que foi superbonito, porque justamente esse Sesc já vem com uma função de resgatar a história negra dessa porção da Zona Norte, que é Casa Verde, Bairro do Limão, Parque Beirute, que são lugares historicamente negros.

O Sesc Casa Verde já vem trazendo ali, na sua abertura, oficina de bonecas afro, falando do Carnaval, dos blocos de rua, de como isso é extremamente importante para a nossa memória de cidade, a contribuição negra no espaço urbano e tudo mais. Então, considero o Sesc um equipamento altamente democrático.

Mas temos também, por exemplo, na avenida Paulista, o centro cultural Instituto Moreira Salles. Mas será que a gente não podia ter no Grajaú um Instituto Moreira Salles? Fica difícil, porque você tem o Instituto Moreira Salles pensado para ocupar uma centralidade ou para consubstanciar um espaço de poder. E aí, proponho a seguinte discussão:

- Como é que a gente consegue inverter essa lógica da centralidade, já que hoje ela não é geográfica, é socioeconômica?
- Por que os equipamentos que estão nessas centralidades não podem se deslocar para as periferias? Não se pode fazer essa inversão? Porque existe também essa questão do centro e da periferia como conceitos que são móveis,

não são mais fixos. Antes era fixo porque era dado pela geografia. Não é mais. Agora ele é dado pela condição socioeconômica.

- Já que ele é um conceito que agora se move, a gente não podia inverter essa ideia de centro-periferia ou pensar em desarticular essa condição que já é excludente? Porque, uma vez que tenho centro, o centro é o mais importante de tudo. Todo o resto que está ao redor, nas franjas, nas bordas, é secundário, é de menor valor, é de menor interesse. Então, como é que a gente pode pensar nessa relação, pensando que centro, hoje em dia, é um conceito relacional e não mais geográfico.

É uma provocação que eu tenho feito também. Deixa-me ver se tem mais alguma coisa para falar. Acho que, gente, a gente pode abrir para perguntas, para vocês irem me trazendo as suas reflexões, me provocando para a gente ampliar este diálogo.

DAL MARCONDES

Toda vez que se expande um serviço público, ele puxa uma centralidade econômica.

Primeiramente, é uma beleza a sua fala. Acho que você coloca algumas coisas importantes para a gente refletir sobre essa questão do apartheid a partir de conceitos, a partir de realidades, na verdade, sociais, étnicas, de raça e econômicas. A gente vai abrir para perguntas, mas eu queria aproveitar um gancho dessa última fala sua para te provocar também, Joice. Você fala sobre expandir os serviços públicos para todas as áreas fora dessa centralidade econômica. A cidade de São Paulo, e eu acompanho a cidade de São Paulo há mais de 50 anos, toda vez que você expande um serviço público, por exemplo, o metrô, você puxa uma linha de metrô e expande um serviço público para algum lugar, pode ser o metrô, pode ser centros de escolas, centros de saúde, o que acontece? Você puxa uma centralidade econômica junto com ele. Ou seja, o sistema de ocupação urbana, principalmente o mercado imobiliário, vai junto e acaba expulsando essa população original

daquele setor. Então, é necessário que políticas públicas também garantam que, ao você levar um serviço para uma determinada região, principalmente o serviço de transporte público, de boa qualidade, você também garanta que aquela população vai ter que, de alguma forma, ser preservada, para que possa se beneficiar daquilo, se beneficiar do que está fazendo. Como é que você vê esse tipo de coisa?

JOICE BERTH

[...] temos um planejamento urbano que não é feito também pela população. Isso é mais um elemento que faz com que a cidade não seja nossa.

Claro. Você tem toda a razão. Fui estagiária na subprefeitura de Perus, que chamo, geograficamente falando, a Zona Noroeste de São Paulo, mas tem pessoas que chamam Perus de Zona Norte. Fui estagiar nessa subprefeitura. Lembro de ter visto uma palestra com um arquiteto que era professor da USP, o Cândido Malta⁴⁰. E ele falava de um projeto dele chamado Planos de

Bairros. Ele foi dar uma aula sobre isso. Lembro-me de que fiquei maravilhada com as ideias dele sobre os planos de bairros porque, de maneira genérica, ele defendia que todos os bairros tinham que ter uma centralidade própria, porque aí você desarticulava uma centralidade principal.

Na Zona Norte, não temos exatamente esse plano de bairros consolidado, mas temos, por exemplo, Santana. Antigamente, na década de 1980, 1990, Santana era uma centralidade. Quando a gente tinha que fazer alguma coisa, era em Santana que tinha melhor banco, melhor hospital, lojas, melhor supermercado. Então, se a gente que estava, por exemplo, no Mandaqui, tinha que se deslocar até lá. Não era um grande deslocamento; 15, 20 minutos de ônibus, a gente estava em Santana. Hoje você tem Santana, Tucuruvi, que é um bairro próximo, você tem Jardim São Paulo, você tem Casa Verde e Imirim. Vários bairros têm uma centralidade e essa centralidade foi meio que espontânea, ela foi acontecendo e não houve essa gentrificação, porque, na verdade, o nome é esse, não houve uma expulsão das pessoas.

40 Cândido Malta Campos Filho (1936). Arquiteto, urbanista e professor. Forma-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP). Em 1967, integra o Grupo Executivo da Grande São Paulo (Gegran) e atua como coordenador do Setor Territorial até 1969. No ano seguinte, assume a diretoria da empresa de consultoria Neves & Paoliello, responsável – ao lado de outras duas empresas de consultoria, Asplan e GPI – pela elaboração do Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado da Grande São Paulo (PMDI). De 1970 a 1972, realiza mestrado em planejamento urbano e regional na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Em 1973, sua tese de doutorado, Corredor metropolitano como estrutura aberta para a Grande São Paulo, é defendida na FAU/USP, sob a orientação de Juarez Brandão Lopes. Em 1976, assume a Secretaria de Planejamento da Prefeitura de São Paulo e permanece no cargo até 1981. Em 1987, retorna à Universidade da Califórnia para realizar pós-doutorado. É autor de diversos livros, entre eles, A Grande São Paulo: trabalhos e entrevistas de 1965 a 1973 (1987), gênese e síntese da tese de doutorado, e Reinvente seu bairro: caminhos para você participar do planejamento de sua cidade (2003).

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL 14.05.2024

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6786/candido-malta-campos-filho>

Precisamos ter, sim, políticas públicas que organizem a ocorrência dessas centralidades ou a implementação dessas centralidades de uma maneira que não expulse a população autóctone. Acho que um dos elementos principais é o que algumas pessoas chamam hoje de "gourmetização". Você *gourmetiza* os serviços que estão sendo oferecidos e isso significa que o preço do imóvel triplica. Então, as pessoas não conseguem permanecer naquele local porque, da noite para o dia, a padaria se arruma, fica linda, e o pãozinho que custava R\$ 2 passa a custar R\$ 4. O mercado no qual antigamente você comprava um arroz por, sei lá, 10 reais um quilo, o mercado melhorou, colocou lá uns pasteizinhos diferentes, umas coisinhas diferentes, aí no mercado, aquele arroz já custa 30 reais um quilo.

Por isso que digo o seguinte: "Planejamento urbano é multidisciplinar". Trabalhei muito ao longo da minha jornada de urbanista, trabalhei muito com advogados. Lembro-me de quando tive contato pela primeira vez com um advogado urbanista, o Edésio Fernandes⁴¹, que escreveu o prefá-

cio do meu livro *Se a cidade fosse nossa*, jurista e especialista em direito urbanístico. É referência na América sobre regularização fundiária; é professor da London School e foi meu professor, numa especialização que fiz sobre Direito à Cidade. O planejamento urbano tem que ser multidisciplinar, porque são essas nuances que muitas vezes escapam do olhar do engenheiro, do arquiteto... E o advogado traz, o assistente social traz, o sociólogo traz, o jornalista traz. As pessoas vão falar assim: "Mas jornalista urbanista? Ah, mas engenheiro urbanista?"

Todo mundo que vive, experimenta, experiencia cidades, é um urbanista em potencial, porque é a gente que vai entender, intuitivamente, essas dinâmicas e elas serão levadas para os técnicos que conseguem fazer com que sejam colocadas numa perspectiva operacional. A experiência e o empírico são extremamente importantes, agora é isso. Essas nuances têm que ser observadas e têm que estar estipuladas, sim, no planejamento urbano. Acontece que temos um planejamento urbano que não é feito também pela população. Isso é

41 Edésio Fernandes. Bacharel em Direito (Universidade Federal de Minas Gerais), especialista em Urbanismo (UFMG); Mestre (LL.M. in Law in Development, Warwick University, UK) e Doutor em Direito (Ph.D., Warwick University). Professor universitário associado em vários departamentos: Institute of Housing and Urban Studies em Rotterdam (Holanda), Development Planning Unit/DPU da University College London (Inglaterra), Lincoln Institute of Land Policy (Cambridge MA, EUA); professor visitante em diversas universidades brasileiras (mestrado em Urbanismo da PUC Campinas, mestrado em Gestão de Cidades da PUC Minas, especialização em Revitalização Urbana e Arquitetônica da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais), além de participar regularmente dos cursos de Direito Urbanístico da PUC Minas Virtual. Coordenador do IRGLUS - International Research Group on Law and Urban Space, que é um dos parceiros do Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (UN-HABITAT) e um dos grupos de trabalho da International Sociological Association.

ESCAVADOR 14.05.2024

<https://www.escavador.com/sobre/1276233/edesio-fernandes>

mais um elemento que faz com que a cidade não seja nossa.

Falei do zoneamento, do plano diretor. A revisão do Plano Diretor da Cidade de São Paulo aconteceu agora e aí a gente está discutindo as *smart cities* e a tecnologia como um aparato para a melhoria das cidades. Só que as audiências públicas do Plano Diretor de São Paulo não tiveram uma ampla aderência, uma ampla participação social. Primeiramente, porque não foram devidamente divulgadas e não aconteceram em número suficiente para que as pessoas pudessem se organizar para ir.

Num segundo momento, porque a Internet não é para todos, como você bem tinha observado quando a gente estava conversando em off, antes de a palestra começar. A tecnologia, a Internet não é para todos. Então, como é que você fala: "Vamos fazer audiências virtuais?"

Entrei em audiências virtuais e o próprio sistema da Câmara Municipal estava quebrado. Isso

aconteceu também na discussão do orçamento da cidade, na discussão que era com a subprefeitura, o orçamento participativo. A população não participa porque a Internet não deixa, a Internet não é para todo mundo. Então, como é que a gente vai falar em cidades inteligentes se a gente não está nem garantindo o básico que é o acesso a essa tecnologia? O acesso ao espaço virtual de boa qualidade? Fica muito difícil.

O plano diretor é de 2016 e foi da gestão Fernando Haddad⁴². Foi um plano diretor em que houve uma preocupação com a participação social. No meu livro *Empoderamento*, falo um pouco de como é importante para o empoderamento real, não aquele empoderamento lacrador de Internet, empoderamento real. Ele tem um pilar político muito forte e esse pilar político é dado pela participação social. As pessoas têm que propor as melhorias da cidade. As pessoas têm que dizer:

Olha, não concordo que aqui seja uma zona mista, porque aqui tem isso, isso, isso e isso. Põe essa zona mista para outro canto. Aqui

42 Fernando Haddad. (1963) é um professor universitário, advogado e político brasileiro, filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT) e atual ministro da Fazenda do Brasil. Foi ministro da Educação de 2005 a 2012, nos governos Lula e Dilma Rousseff, e prefeito da cidade de São Paulo de 2013 a 2016. É professor de ciência política da Universidade de São Paulo (USP), instituição pela qual se graduou bacharel em direito, mestre em economia e doutor em filosofia.[13][14] Trabalhou como analista de investimento no Unibanco. Entre 2001 e 2003, foi subsecretário de Finanças e Desenvolvimento Econômico do Município de São Paulo, na administração de Marta Suplicy.[15] Integrou, ainda, o Ministério do Planejamento do governo Lula durante a gestão de Guido Mantega (2003–2004), oportunidade na qual elaborou o projeto de lei que instituiu as parcerias público-privadas (PPPs) no Brasil.

WIKIPÉDIA 14.05.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_Haddad

precisa ser uma ZEIS⁴³, a população quer uma ZEIS porque aqui não tem um parque, não tem um equipamento.

Todas essas coisas não só podem como devem estar previstas no plano diretor, na lei de zoneamento, e a população tem que estar discutindo isso e levando essas nuances que vão escapar do poder público. Agora, infelizmente, o urbanista de São Paulo e das cidades brasileiras como um todo é "o capital". A gente está na mão da especulação imobiliária. A especulação imobiliária dita as regras, dá as cartas e a gente paga o pato ficando cada vez mais distante dessa cidade que poderia ser tão maravilhosa para todo mundo. Mas é isso... e ainda assim essa discussão do deslocamento da centralidade é extremamente válida.

DAL MARCONDES

Com certeza, Joice. Pessoal, vamos às perguntas? Marcelo? Vamos lá.

MARCELO SALES

Boa noite a todos, obrigado, Joice. Adorei a tua

lucidez. Tenho duas perguntas para fazer, mas aí surgiu uma terceira por curiosidade:

- O que foi a lavagem da Madeleine, quando você foi homenageada em Paris? O que significou isso?

É mera curiosidade e depois eu faço as duas perguntas.

JOICE BERTH

A lavagem da Madeleine é uma homenagem que é feita por uma turma brasileira que mora na França. Eles têm os seus coletivos e suas organizações da sociedade civil e tudo mais. Eles escolhem anualmente algumas figuras que, de alguma forma, estão fazendo esse diálogo Brasil-França, estão servindo de inspiração ou está tendo alguma utilidade para eles. Teve um ano que eles me homenagearam. O meu livro *Empoderamento* foi lançado numa tradução francesa pela Anacaona Editions, em 2019. Estive lá, passei por algumas cidades discutindo empoderamento. Fui muito bem recebida. O movimento feminista lá é bem

43 ZEIS. As Zonas Especiais de Interesse Social são porções do território destinadas, predominantemente, à moradia digna para a população de baixa renda por intermédio de melhorias urbanísticas, recuperação ambiental e regularização fundiária de assentamentos precários e irregulares, bem como à provisão de novas Habitações de Interesse Social - HIS e Habitações de Mercado Popular - HMP a serem dotadas de equipamentos sociais, infraestruturas, áreas verdes e comércios e serviços locais, situadas na zona urbana.

PREFEITURA DE SÃO PAULO / GESTÃO URBANA 14.05.2024
<https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/zona-especial-de-interesse-social-zeis/>

organizado, é melhor que ninguém me ouça, mas é melhor tudo aqui, porque é mais arraigado às discussões políticas. Fui uma das homenageadas. Todo ano eles escolhem algumas figuras.

MARCELO SALES

Parabéns.

Pergunta número um, uma curiosidade, você como estudiosa do fenômeno cidades.

- Como forma uma questão que dá para ver no Brasil, mas você vê isso na Europa, nos Estados Unidos, como se criam os guetos? Para você dizer assim: "Olha, este é um bairro latino". Aí você vai para qualquer lugar dos Estados Unidos: "Olha, esse é um bairro negro, esse é um bairro judeu, esse é um bairro...". Como que se criam estes movimentos de apartheid? Como é que se cria isso, historicamente, Joice?

É uma curiosidade mesmo.

JOICE BERTH

[...] guetos são produto da gentrificação, porque você tem fatores econômicos empurrando essas pessoas para o lugar que sobra. [...] quem constrói gueto é quem tem o poder econômico

Olha, tem uma urbanista indiana, de quem eu gosto muito, a Ananya Roy⁴⁴. Ela tem um conceito muito legal que é de "urbanismo subalterno". Ela parte das reflexões dos pensadores pós-coloniais da Índia, que trazem esse conceito de subalternidade. Gayatri Chakravorty Spivak⁴⁵ também fala sobre essa coisa da subalternidade. No espaço físico, essas subalternidades, esses nichos de subalternidade, esses guetos, na verdade, são esses nichos de subalternidade que, em um primeiro momento, são um produto da história, não é muito intencional. Quando você pensa, por exemplo, nas décadas de 1970, 1980, 1990, cheguei a ver isso de perto. A gente falava que esse trecho da Zona Norte era preto, devido à quantidade muito grande de pessoas negras. Tanto é que tem várias escolas samba por aqui: Morro da Casa Verde, Peruche, Tucuruvi. Então era um reduto preto. E aí

44 Ananya Roy (1970) é uma acadêmica de Desenvolvimento Internacional e Urbanismo Global. Nascida em Calcutá, Índia (1970), Roy é professora na cátedra Meyer e Renee Luskin em Desigualdade e Democracia na Escola de Relações Públicas Luskin da UCLA. Foi professora de Planejamento Urbano e Regional na Cátedra Distinta em Pobreza e Práticas Globais na Universidade da Califórnia, Berkeley. Possui bacharelado em estudos urbanos comparativos (1992) pelo Mills College e mestrado em planejamento urbano (1994) e doutorado em Filosofia (1999) pelo Departamento de Planejamento Urbano e Regional da Universidade da Califórnia em Berkeley. Roy atua em três áreas principais: 1) análise da pobreza urbana no Sul global; 2) investigação de novas fronteiras de acumulação de capital, nomeadamente a conversão de economias de pobreza em capital de circulação global; e 3) exame de novas formações de planejamento urbano empreendidas por Estados-nação na Ásia. Roy se envolve com metodologias feministas e etnográficas e muitas vezes recorre ao feminismo pós-colonial para inspiração teórica.

WIKIPÉDIA 15.05.2024

https://en.wikipedia.org/wiki/Ananya_Roy

45 Gayatri Chakravorty Spivak (1942) é uma crítica e teórica indiana, mais conhecida por seu artigo *Can the Subaltern Speak?* (Pode o subalterno falar?), considerado um texto fundamental sobre o pós-colonialismo, e por sua tradução de *Of Grammatology* de Jacques Derrida. Spivak leciona na Columbia University, na qual atingiu o mais alto nível do corpo docente em março de 2007. Ministra palestras por todo o mundo. É membro-visitante do Centre for Studies in Social Sciences de Calcutá.

WIKIPÉDIA 08.08.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Gayatri_Chakravorty_Spivak

PODE O SUBALTERNO FALAR?

GAYATRI SPIVAK

Editora UFMG, Belo Horizonte, 2010.

falavam: "É porque as pessoas negras gostam de ficar, de morar ali".

Quando você vai estudar história, percebe que houve um deslocamento que, na verdade, vem lá do bairro da Liberdade. Em algum momento, a negritude foi sendo varrida da Liberdade e foi fazendo um percurso que passa pela Barra Funda até chegar nesse canto da Zona Norte, que tem Casa Verde, Limão, Parque Peruche, Imirim e Lauzane Paulista. Esses guetos são produto da gentrificação, porque você tem fatores econômicos empurrando essas pessoas para o lugar que sobra.

A gente pode pensar, por exemplo, na questão das encostas. Estou falando isso porque está chovendo e aí começa a nossa preocupação com a chuva. Eu estava lendo hoje, acho que na Folha de S. Paulo, se não me engano, um texto falando que aumentou o número de ocupações em áreas de risco. Acho que aumentou 28%, se não me engano, de ocupações em áreas de risco, porque não está tendo fiscalização da CETESB – Companhia de Tecnologia Saneamento Ambiental, dos órgãos

ambientais, e as pessoas ficam ali.

Na verdade, esses guetos acontecem mais por necessidade do que por uma escolha. As periferias existem porque são sobras daquilo que não era muito utilizável por quem tinha o poder econômico. Arrisco, sem nenhum medo de arriscar, que quem constrói gueto é quem tem o poder econômico. É do poder econômico que esses guetos vão nascer, porque o poder econômico vai lá e escolhe o lugar que é melhor, que é mais agradável, que é mais propício aos intentos deles e aí eles ocupam aquele lugar. E, uma vez que eles ocupam esse lugar, vão construir um ambiente de confronto ao seu redor, mão de obra para atender as suas necessidades, que são acima das necessidades que a maioria da população vai conseguir alcançar. E aí os habitantes existentes não vão poder ocupar aquele mesmo espaço, vão para onde sobra, para onde dá.

Aí você tem o encontro de latinos, o encontro de negros. No caso dos asiáticos, por exemplo, no Brasil, eles não têm uma experiência de racismo

tão violenta quanto acontece lá fora. Nunca vi asiáticos serem xingados, sofrerem preconceito e estigmatização. Há o estereótipo do japonês, é como se todo asiático fosse japonês, tem essa experiência e tudo mais. Essas experiências de preconceito fazem com que eles se fechem muito nas suas comunidades. Fiquem ali, no caso deles não é tanto pelo econômico, mas é mais pelo conforto de estar de fato entre os seus. Além do mais, tem a questão da língua...

Num primeiro momento, o gueto é produto histórico das predominâncias econômicas. Citei Ananya Roy, porque ela fala do urbanismo subalterno como um movimento de insurgência. Ela fala observando as favelas: se antes as favelas eram um lugar onde só existia precariedade, hoje é um lugar onde existe a insurgência. As pessoas dentro da favela estão construindo, estão virando empreendedoras, estão pensando em formas de driblar a pobreza. Tanto na Índia quanto no Brasil.

Em um segundo momento, uma vez que esses guetos se percebem guetos por terem a cidadania

mutilada por algum fator ou por vários fatores, eles começam a criar uma insurgência, um orgulho, e dizer:

Eu vou ficar aqui, agora aqui é meu lugar, eu vou bater no peito e dizer que eu sou um favelado, vou bater no peito e dizer que eu sou um preto da Zona Norte ou que sou um asiático na Liberdade.

Num segundo momento, é uma reafirmação que protege psicologicamente, subjetivamente, a existência dessas pessoas.

MARCELO SALES

Legal, Joice, obrigado.

Mais uma pergunta. A empresa onde trabalho é uma multinacional americana. Sou responsável, entre outras coisas, pela estratégia de diversidade, equidade e inclusão. Tomo muito cuidado com esse comentário que vou fazer, porque temos um movimento de empoderamento da mulher, existe um movimento de empoderamento da comunidade negra e isso funciona muito bem nos

Estados Unidos e a gente tem os *hubs* aqui na América Latina.

Então, comentei: lamento profundamente o fato de precisarmos de um movimento para empoderamento da mulher, para empoderamento do negro. E por que falo que quero ser muito cuidadoso com isso? Porque uma interpretação equivocada pode entender que eu seja contra esses movimentos. Não, lamento precisarmos disso, porque eu queria que a gente estivesse em outro patamar no qual isso não fosse necessário.

E aí eu quero olhar a Joice e dizer: "Que mulher brilhante".

Não quero dizer: "Nossa, que negra brilhante".

Não, ela é uma pessoa brilhante. E aí eu não quero saber se ela é negra, se ela é asiática ou se ela é heterossexual. Acho que você entendeu.

Então, minha pergunta é a seguinte, e acho que faz parte até do meu processo de letramento,

porque o que tenho visto são polaridades no movimento negro, no movimento feminista, no movimento LGBT, no qual quase que você cria um outro que é o teu inimigo, porque, olha, este outro que escravizou, este outro que é machista. Então, é uma crítica superficial, rasa, mas como a gente pode, de fato fazer a nossa parte... você falou assim, o padre Lancelotti faz lá a parte dele, mas e a nossa?

A pergunta é:

- Como podemos destruir esse estágio de preconceito, de segregação e de miopia, de baixo nível de consciência, sem criar a animosidade e enxergar o outro como o inimigo?

Porque o que eu queria era que a gente não precisasse discutir esse tipo de coisa.

DAL MARCONDES

Ótima questão, Marcelo. Acho que essa é uma questão que todos nós temos enquanto homens brancos, enquanto pessoas brancas, que não têm esse tipo de necessidade, porque os ambientes

nos aceitam com a normalidade de que você falou. Joice, essa é uma pergunta espinhosa...

JOICE BERTH

Mais importante do que acusar o outro por estar errado nisso, é importante que a gente se volte para nós, porque a gente tem um espaço de inserção na sociedade – inserção, não, de influência.

Você estava falando e eu estava me lembrando, há várias coisas passando pela minha cabeça. É uma pergunta ótima e importantíssima. Não sou uma pessoa que pode se dizer unanimidade dentro dos movimentos negros e feministas por aí, porque penso, digo e defendo, vou continuar defendendo, que na configuração de sociedade que temos, todos nós estamos terrivelmente atolados nas atitudes, nos comportamentos errados. Isso quer dizer que todo mundo tem sua lição de casa. Não é porque uma pessoa é negra que ela está acima dos erros e das perturbações e dos vícios comportamentais. Não é porque é uma mulher, que ela está acima. Todo mundo está marcado

pelo modus operandi das opressões que estruturaram a nossa sociedade. Todo mundo.

Penso que muitas vezes vejo pessoas ávidas em falar do outro, do erro do outro, quando elas deveriam estar concentradas em como aquele erro, de repente, pode estar sendo reproduzido por ela também. Mais importante do que acusar o outro por estar errado nisso, é importante que a gente se volte para nós, porque a gente tem um espaço de inserção na sociedade – inserção, não, de influência, influência seria a palavra. Falo que o Padre Júlio faz a parte dele, e a nossa, como é que a gente vai fazer? Cada um tem que pensar consigo mesmo como pode contribuir. Acredito que a postura de muitas pessoas me ensinou muito mais do que as palavras que elas disseram.

Quando penso, por exemplo, em uma pessoa como Milton Santos, que é uma grande referência para mim. Ver o Milton Santos falando, refletindo, para mim, foi muito mais impactante até do que tudo que li que ele deixou como legado de estudos, de pesquisa e tudo mais. Aquele homem

elegante, aquele homem que falava de uma maneira pausada e que trazia uma generosidade na abordagem.

Paulo Freire também é outro que eu tenho um grande amor e gratidão pela existência dele, que passou por esse mundo e deixou tanta coisa produtiva. Então, a postura dessas pessoas, a postura de uma pessoa como o Sueli Carneiro⁴⁶, por exemplo, também é uma grande referência. Lélia Gonzalez⁴⁷, que já não está mais entre nós, também, por tudo que me ensinou, que pude captar dela.

Acredito que um dos caminhos é esse, a gente precisa estar muito atento a quem somos, a como fomos formados. Porque uma vez que a gente fala que as opressões são estruturais, isso quer dizer que elas estão por trás de todas as coisas e fazemos parte de todas as coisas. Vejo que às vezes as pessoas falam assim: "A sociedade é isso, a sociedade é aquilo, a sociedade está assim, a sociedade está assado". Aí eu paro e falo: "Mas nós somos a sociedade. Nós somos a sociedade".

Não posso consertar o outro, mas posso fazer um trabalho contínuo de tentativa de desarticulação das mentalidades que estão montadas para agir de uma certa forma e vou fazer isso, tenho feito.

[...] quem se dispõe a trabalhar na linha de frente da transformação social precisa saber que é muito difícil e precisa ter força o bastante para aguentar ser odiado, ser caluniado, ser mal falado.

Em nossa ação, é preciso ter generosidade. A partir do momento em que você se entende como alguém que também está marcado por esse sistema, você começa a pensar como eu gostaria que falassem comigo sobre esse tema. Gosto de contar uma experiência que tive com a questão trans, por exemplo. Nem sempre soube que existia uma Judith Butler⁴⁸, que existia um Paul Preciado,⁴⁹ que existia... enfim, nem sempre soube da questão trans. Aprendi convivendo.

Em um primeiro momento, não foi fácil para mim entender. Sempre fui a chata da família, porque

46 Aparecida Sueli Carneiro (1950) é uma filósofa, escritora e ativista antirracismo do movimento social negro brasileiro. Sueli Carneiro é fundadora e atual diretora do Geledés – Instituto da Mulher Negra e considerada uma das principais autoras do feminismo negro no Brasil. Possui doutorado em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Foi a primeira mulher negra a receber o título de doutora honoris causa da Universidade de Brasília. Em 1983, o governo de São Paulo criou o Conselho Estadual da Condição Feminina, porém sem nenhuma mulher negra dentre as trinta e duas conselheiras. Sueli Carneiro foi uma das lideranças do movimento de mulheres negras que se engajou na campanha da radialista Marta Arruda pela abertura de uma vaga no conselho a uma mulher negra; campanha que logrou êxito. Em 1988, fundou o Geledés – Instituto da Mulher Negra, primeira organização negra e feminista independente de São Paulo. Meses depois, foi convidada para integrar o Conselho Nacional da Condição Feminina, em Brasília.

WIKIPÉDIA 16.05.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Sueli_Carneiro

47 Lélia Gonzalez (1935 – 1994) foi uma intelectual, autora, ativista, professora, filósofa e antropóloga brasileira. Foi mestre em Comunicação Social e doutora em Antropologia. É uma referência nos estudos e debates de gênero, raça e classe no Brasil, América Latina e pelo mundo, sendo considerada uma das principais autoras do feminismo negro no país. Ademais, foi pioneira em pesquisas sobre cultura negra no Brasil e cofundadora do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras do Rio de Janeiro (IPCN-RJ) e do Movimento Negro Unificado (MNU). Lélia teve uma importante presença tanto na academia quanto no mundo político, tendo circulado por diversos espaços. Seus trabalhos abordaram perspectivas interseccionais quando o conceito em si ainda não tinha sido criado, atuando contra o sexismo e o racismo na sociedade e cunhando conceitos como o de "amefricanidade" e "pretuguês". Lélia foi pioneira em tudo que fez: ajudou a fundar instituições como o Movimento Negro Unificado (MNU), o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), o Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga, o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Olodum. Ademais, atuou na mobilização de negros e negras rumo ao Partido Democrático Trabalhista (PDT), na resistência à ditadura, na luta de negros brasileiros contra o apartheid na África do Sul, na formulação de mulheres negras nas políticas públicas, a partir do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), no qual atuou de 1985 a 1989, e na formulação de um pensamento que articulava gênero e raça, sobretudo no contexto latino-americano.

WIKIPÉDIA 16.05.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9lia_Gonzalez

48 Judith Butler (1956) pesquisa filosofia pós-estruturalista e tem origem estadunidense, tendo composto umas das principais teorias contemporâneas do feminismo e teoria queer. Butler também escreve sobre filosofia política e ética. Atualmente, ocupa o cargo de professora do departamento de retórica e

tem muita coisa que na família era naturalizado e em mim, naturalmente, não pegava bem. Eu verbalizava isso e comprava algumas brigas. Então, por conta disso, me achava o supprassumo da desconstrução. E ainda por cima, uma mulher negra que sempre teve problemas sérios com a questão do racismo desde criança. Não me descobri negra, alguém chegou e me acusou de ser negra. Então, eu falava, sou uma pessoa assim e tal, tenho outra mentalidade. Só que, quando me deparei com a questão trans, acabei enxergando que eu tinha várias limitações com relação a isso e que não sabia nada a respeito.

Foi com a questão dos banheiros, por exemplo. Discuti com uma amiga feminista, uma mulher branca, assistente social. Trabalhávamos junto, tínhamos muita amizade e aí ela começou a discutir sobre a questão dos banheiros. Eu disse que achava que não, que tem que cada um ir ao seu banheiro. Não tem problema a pessoa ter uma opção sexual diferente. Agora, cada um usa o seu banheiro. Aí lembro da minha amiga descendo a lenha em mim e eu muito brava:

Como você pode achar que eu tenho algum tipo de preconceito com a sexualidade alheia e não sei o quê, não sei o que lá.

Demorei um certo tempo para entender exatamente o que significava aquilo e acho que só fui consolidar esse entendimento quando comecei a conviver com duas pessoas trans, duas mulheres trans: ouvir o que elas estavam dizendo, entender a história de vida delas, a dor pelas quais elas tinham passado, entender o comportamento delas e tudo mais. Isso exigiu de mim descer do pedestal de eu ser, isso é muito natural do ser humano, a gente achar que: "Eu li dez livros e o outro só leu cinco, então sou melhor do que ele". Tenho defendido muito, concluí uma formação em psicanálise, quero continuar estudando muito por esse caminho, porque acredito que tudo parte do humano. Se o humano não estiver muito bem equilibrado, a gente vai absorvendo as coisas ruins que a sociedade vai trazendo para dentro da gente, vai jogando para cima.

Essa minha experiência com a questão trans é,

literatura comparada da Universidade da Califórnia em Berkeley. Desde 2006, Butler também ocupa o posto honorificamente intitulado "Hannah Arendt" na European Graduate School. Butler é uma pessoa não-binária, que em inglês usa os pronomes "they/ them". Butler obteve seu Ph.D. em filosofia na Yale University, em 1984, e sua dissertação foi publicada como *Subjects of Desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century France*. Em fins da década de 1980, entre diversas designações de ensino e pesquisa (como no Centro de Humanidades na Johns Hopkins University), envolveu-se nos esforços de crítica ao estruturalismo presente na teoria feminista ocidental (Claude Lévi-Strauss), questionando os "termos pressuposiçãoais" do feminismo vigentes.

WIKIPEDIA 17.05.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Judith_Butler

49 Paul B. Preciado (1970) é um filósofo e escritor transgênero e feminista, cujas obras versam sobre assuntos teóricos como filosofia de gênero, teoria queer, arquitetura, identidade e pornografia. Identificando-se anteriormente como mulher cisgênero lésbica, Preciado começou em 2014 uma transição de gênero lenta e, em janeiro de 2015, escolheu "Paul" como seu nome retificado. Preciado atingiu o doutorado em teoria da arquitetura na Universidade de Princeton. Recebeu uma bolsa Fulbright e atingiu também mestrado em filosofia contemporânea e teoria de gênero na New School for Social Research de Nova York. Foi aluno de Agnes Heller e Jacques Derrida. Viaja a Paris em 1999 graças a um convite de Derrida para participar dos seminários da École des hautes études en sciences sociales. Durante esse período colaborou com desenvolvimento inicial da teoria queer na França, especialmente com um grupo de escritores liderado por Guillaume Dustan conhecido como "Le Rayon Gay". Em seu livro de estreia, *Manifesto contrassexual* (2002), inspirado nas teses de Judith Butler, Donna Haraway e Michel Foucault, Preciado reflete sobre os modos de subjetivação e identidade, assim como sobre a construção social e política do sexo.

WIKIPEDIA 17.05.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Paul_B._Preciado

olha, ouvi a minha amiga falando isso, vi a minha outra amiga falando aquilo, você vai pensando, aí você vai mudando. Hoje, olho de uma outra forma, hoje, entendo de outra forma. Mas por que me abri para isso? Agora, o tempo que levei para me abrir para isso é o meu tempo. Então, o tempo do outro pode ser diferente, do outro pode demorar mais, do outro menos. O que penso é que quem se dispõe a trabalhar na linha de frente da transformação social precisa saber que é muito difícil e precisa ter força o bastante para aguentar ser odiado, ser caluniado, ser mal falado. Tem que aguentar ser chato.

Jung⁵⁰ fala que, quando a gente suporta ser odiado, a gente está pronto para muita coisa. Então, você tem que suportar ser odiado, porque você vai mostrar para a pessoa que odeia que ela está inserida em uma ideia, em um senso comum que é assassino, que faz outras pessoas sofrerem, que contribui para muitos sofrimentos sociais que, inclusive, a própria pessoa experimenta. Os seres humanos brancos estão no topo da pirâmide, estão no topo dos privilégios.

Os problemas sociais respingam para tudo quanto é lado. Em algum momento, mesmo aquele que está no topo dos privilégios, vai experimentar um desconforto. E, muitas vezes, não vai se dar conta de que o desconforto é justamente porque ele está impregnado de normose.

Você pode passar por uma pessoa que está em situação de rua, você pode presenciar um caso de racismo, você pode concordar ou se calar diante de uma violência doméstica e achar que está tudo bem, mas não está. O nosso inconsciente, o nosso superego é um grande feitor que fica o tempo inteiro ali nos castigando. Então, acho que vale a pena a gente pensar, por exemplo, por que estamos em um momento da história onde a depressão, a síndrome do pânico, os grandes problemas psíquicos estão aí tombando tanta gente?

Gosto muito do filósofo coreano Byung-Chul Han⁵¹. Ele tem uma porrada de livros, tem alguns livros que são excelentes, outros são mais ou menos, mas tem muita coisa incrível que ele fala. Cito uma frase dele, que o ouvi falar numa entrevista,

50 Carl Gustav Jung (1875 – 1961) foi um psiquiatra, psicanalista e psicoterapeuta suíço, fundador da psicologia analítica. Com um legado influente nos campos da psiquiatria, psicologia, ciência da religião, literatura, criou alguns dos mais conhecidos conceitos psicológicos, incluindo a distinção entre personalidade extrovertida e introvertida, as ideias de arquétipo e de inconsciente coletivo, bem como a noção de sincronicidade. A classificação de personalidade MBTI foi postumamente desenvolvida a partir das suas teorias. Juntamente com Freud, foi um dos mais respeitados pensadores do seu tempo, sendo hoje amplamente conotado como um dos mais influentes psicólogos de sempre.

Via a psique humana como "de natureza simbólica" e fez desse simbolismo o foco de suas explorações. É um dos maiores estudiosos contemporâneos de análise de sonhos e simbolização.

WIKIPÉDIA 17.05.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Carl_Gustav_Jung

51 Byung-Chul Han (1959) é um filósofo e ensaísta sul-coreano, professor da Universidade de Artes de Berlim. Ele estudou filosofia na Universidade de Friburgo e literatura alemã e teologia na Universidade de Munique. Em 1994, doutorou-se em Friburgo com uma tese sobre Martin Heidegger. Atualmente, é professor de filosofia e estudos culturais na Universidade de Berlim e autor de dezesseis livros, dos quais alguns são sobre o que chama de "sociedade do cansaço" (Müdigkeitsgesellschaft), "sociedade da transparência" (Transparenzgesellschaft) e sobre seu conceito de shanzhai, neologismo que busca identificar os modos de desconstrução nas práticas contemporâneas do capitalismo chinês.

WIKIPÉDIA 17.05.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Byung-Chul_Han

que o "like era um analgésico". Fiquei pensando, o like é um analgésico para a normose que nos acomete. Mas foi com a psicanálise que aprendi que tudo que você recalca, que você retém, que você acha que dissolveu, não dissolveu: de alguma forma, o recalque vai estar atuante dentro de você.

Todo mundo na sociedade está no mesmo barco. A sociedade atual é tipo um Titanic⁵². Tem aqueles que estão lá no chão, lá no porão, e tem outros que estão lá naquela sala linda, com a orquestra tocando e tal, mas todo o mundo vai afundar. De alguma forma, está todo o mundo afundando.

Penso o seguinte: todo o mundo tem que ter lição de casa e tem a obrigação de fazer essa lição, pegar mesmo esse touro a unha e descobrir como é que se coloca no mundo a partir dessas questões e como consegue atuar a partir desse lugar e da consciência que adquiriu, mas sabendo que ainda tem muita coisa para aprender e muita bola em jogo para a gente transformar.

DAL MARCONDES

Muito legal, Joice. Muito legal mesmo.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Posso trazer uma questão?

DAL MARCONDES

Com certeza, Terezinha. Estava aguardando a sua pergunta.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

A cidade ideal do cachorro tem um poste por metro quadrado, não é mesmo?

Costumamos ficar provocados tanto pelas perguntas quanto pelas respostas. Pena que nosso tempo seja breve para a gente explorar tudo isso. Joice, obrigada por essa contribuição tão rica que você traz. A primeira questão que você colocou é: "Como é que a gente vai ter uma cidade inteligente?" E puxando um pouco aqui para o tema que andamos discutindo: "Há uma perspectiva de a inteligência artificial contribuir para que eu tenha uma cidade que seja inteligente, porque ela ainda

52 O RMS Titanic foi um navio de passageiros britânico operado pela White Star Line e construído pelos estaleiros da Harland and Wolff, em Belfast. Segunda embarcação da Classe Olympic de transatlânticos, depois do RMS Olympic e seguido pelo HMHS Britannic, foi projetado pelos engenheiros navais Alexander Carlisle e Thomas Andrews. Sua construção começou em março de 1909 e seu lançamento ao mar ocorreu em maio de 1911. O Titanic foi pensado para ser o navio mais luxuoso e mais seguro de sua época, gerando lendas que era supostamente "inafundável". A embarcação partiu em sua viagem inaugural de Southampton com destino a Nova York em 10 de abril de 1912, passando em Cherbourg-Octeville, na França, e Queenstown, na Irlanda. Colidiu com um iceberg na proa do lado direito às 23h40 de 14 de abril, naufragando na madrugada do dia seguinte, com mais de 1.500 pessoas a bordo, sendo um dos maiores desastres marítimos em tempos de paz de toda a história.

WIKIPÉDIA 17.05.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/RMS_Titanic

não é: então, como é que vou falar em inteligência na artificialidade? Porque é artificial mesmo."

Você falava sobre a mobilidade. Na semana passada, participei de um congresso organizado pela Associação Nacional de Transporte Público exatamente sobre mobilidade. O espaço que eu ocupava era mesmo o de verificar como é que as atitudes das pessoas contribuíam para que houvesse efetividade, ou não, nas políticas públicas. Os que assinam as leis e decretos são os sujeitos que não cumprem tais leis e decretos, não dão o testemunho. Você falou do Milton Santos, que te impressionava mais pela atitude. Acho que o Marcelo traz uma provocação importante, exatamente nesse sentido de que mergulha a gente na ética, na questão da alteridade.

Lá no Congresso, participei de um pequeno *podcast* da organização estava promovendo e era um programa para se pensar a cidade. Sabe, Joice, lembrei dos *Saltimbancos*⁵³, lembra? A cidade ideal do cachorro tem um poste por metro quadrado, não é mesmo? Em cada esquina. É isso aí. A

cidade ideal de quem? E aí a gente fica pensando se nessas políticas não há essa marcação de uma cidade que é ideal para exatamente os sujeitos que estão fora do gueto.

Como é que a gente pensaria isso? Presto atenção quando nos referimos a lugares de São Paulo. Costumamos dizer: "Moro na Vila Madalena; moro em Pinheiros". Os moradores de áreas de classe média não dizem: "Moro na Zona Oeste". Mas os habitantes da Zona Leste e da Zona Norte não costumam dizer o nome de seus bairros. Muitas pessoas, antes de dizerem que moram em Santana, falam: "Moro na Zona Norte. Meus amigos são da Zona Leste". Não de Aricanduva, não da Penha, da Zona Leste. E nós, da classe média, não falamos que minha turma é da Zona Oeste, de jeito nenhum. Falamos: "Minha turma é da Vila Madalena, meu. Minha turma é do Sumarezinho".

Como isso se configura em uma perspectiva da cidade na política?

53 *Os saltimbancos* (*I musicanti*, no original italiano) é uma peça de teatro musical infantil, inspirada no conto Os músicos de Bremen, dos irmãos Grimm. Uma das expressivas obras de teatro musical dedicada ao público infantil, *Os saltimbancos* narra as aventuras de quatro bichos que, sentindo-se explorados por seus donos, resolvem fugir para a cidade e tentar a sorte como músicos. A fábula musical foi traduzida e adaptada para o português por Chico Buarque de Hollanda, no final de 1976 da peça teatral de Sergio Bardotti e Luis Enriquez Bacalov que, por sua vez, haviam feito uma adaptação do conto dos irmãos Grimm, como uma alegoria política, na qual a Galinha representaria a classe operária; o Jumento, os trabalhadores do campo; o Cachorro, os militares e a Gata, os artistas. O barão, inimigo dos animais, seria a personificação da elite ou dos "detentores do meio de produção".

WIKIPÉDIA 17.05.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Saltimbancos#Disco_de_est%C3%BAdio

ESPETÁCULO "OS SALTIMBANCOS" - ODEON COMPANHIA TEATRAL
YOUTUBE:

<https://www.youtube.com/watch?v=WSuwCY7YPf0>

JOICE BERTH

Pensar em empoderamento é pensar também em uma sociedade onde os poderes sejam lineares.

Olha, temos uma dificuldade muito grande. Quando falo em empoderamento, ele é, num primeiro momento, uma discussão para que possamos resgatar a ideia de poder, para que transformemos a ideia de poder, porque o poder, tal qual conhecemos, nasceu para oprimir. Ele faz a gente enxergar uma perspectiva hierárquica que, enganosamente, é vista como natural, uma perspectiva verticalizada, de cima para baixo. Pensar em empoderamento é pensar também em uma sociedade onde os poderes sejam lineares.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Poder como exemplo.

JOICE BERTH

O poder público pode criar mecanismos educacionais para fazer com que as pessoas gostem do lugar onde vivem. E aí, uma vez que

elas gostam, elas querem cuidar.

É muito importante que a gente consiga ter uma união, uma unidade, construir uma unidade. Num segundo momento, você tem um trabalho de resgate de quatro pilares que constituem o eu social: psicológico, cognitivo, econômico e político. No âmbito da política, a participação é muito importante. A participação vem mediante o entendimento de que a gente pertence. Mas, ao mesmo tempo, para sabermos que a gente pertence, temos que estar atuantes. Vivemos num tempo que as pessoas que mais necessitam de uma cidade melhor estão muito ocupadas correndo atrás do seu sustento.

Então, você vai ter que chegar para um trabalhador, sete horas da noite, e exigir que ele participe de uma audiência pública? Fica um pouco difícil. Quando você faz uma mobilização com a turma de Pinheiros, você tem um contingente expressivo, todo mundo vai. Porque a pessoa que mora em Pinheiros adora o lugar onde mora, ela quer que aquilo se mantenha, ela tem um poder aquisitivo

diferenciado. Agora, a pessoa que está no Capão Redondo, no Grajaú, na Zona Rural, que são lugares de maior precariedade, muitas vezes chegam em casa apenas para dormir.

Para além desses problemas todos, precisamos mostrar para as pessoas o quanto é importante a participação delas, o quanto a participação consolida esse sentimento de pertencimento. As pessoas que moram na Zona Oeste adoram falar que são da Vila Madalena, porque elas cuidam de cada metro quadrado que existe no bairro. Se você tentar fazer alguma intervenção na Vila Madalena, à revelia de quem mora ali, você compra uma bela de uma briga.

Lembro, na época da implantação da ciclofaixa, a turma de Pinheiros estava organizada, era uma espécie de Fla x Flu, na verdade, que se formou, porque tinha uma turma que não queria e outra que queria. E os grupos eram oponentes em termos políticos, porque tinha o povo da direita e o povo da esquerda, mas eram povos politicamente lúcidos e conscientes dos seus direitos. Então,

teve aquela briga, mas o que ficou para mim desse episódio é justamente esse sentimento de bater no peito e dizer:

Eu sou de Pinheiros, eu sou da associação dos moradores de Pinheiros, nós somos associação dos ciclistas de Pinheiros.

Eles afirmavam isso, esse gosto pelo lugar.

Nas periferias, apesar do urbanismo subalterno, que a Ananya Roy observa e cunhou como conceito, a gente vê muito isso em uma Rocinha, no Rio de Janeiro; em Paraisópolis, em Heliópolis, em São Paulo, mas no restante das periferias, ainda é muito precário. Penso que ficamos meio cerceados pela atuação do poder público, porque o poder público pode criar mecanismos educacionais para fazer com que as pessoas gostem do lugar onde elas vivem. E aí, uma vez que elas gostam, elas querem cuidar.

Não era só a questão da ocupação do local, era a questão das relações que as pessoas construíram.

Tive uma experiência na periferia, de observar esse gosto pelo lugar onde se está, que foi quando trabalhei com regularização fundiária na cidade de São Paulo, de um local no Jardim Jaqueline que fica nas proximidades do Butantã, rodovia Raposo Tavares. Atrás do Shopping Raposo Tavares, tinha uma área gigantesca, ocupada de maneira irregular, uma propriedade particular. O processo de regularização ali ia ser por usucapião. Só que em um dado momento, era favela, mas tinha também várias tipologias de moradia. Era um bairro, praticamente, porque eram três mil famílias morando ali e o *shopping center* queria derrubar tudo para construir mais estacionamento.

Duas moradoras, duas mulheres se uniram. Uma era do Conselho Tutelar, conselheira tutelar, e a outra presidia a associação dos moradores. Elas se uniram com o aval do restante da população, foram procurar a Defensoria Pública e pediram, encarecidamente, para que fizessem uma intervenção para que eles não tivessem que sair de lá. Ou seja, elas gostavam daquele lugar. Conversando, fazendo entrevistas para saber como a gente

ia proceder esse trabalho, ficava muito nítido que não era só a questão de elas não terem onde morar, se saíssem dali. Não era só a questão da ocupação do local, era a questão das relações que elas construíram, do quanto elas gostavam dali. Quando viram o mapa do local, elas ficaram emocionadas.

Então, quer dizer, tinha um gosto por aquele território, por aquela área, e elas lutaram por aquela área. Assim, como dizem os mais antigos, é uma "sinuca de bico". Mas penso que o poder público tem as ferramentas para promover, até através da inteligência artificial e das tecnologias disponíveis, maneiras de criar nas pessoas um vínculo e um gosto pelo lugar onde moram, porque aí a coisa vai ser muito diferente, as pessoas vão ter muito mais atenção. Mas também fica difícil de o poder público fazer isso porque aí ele arruma um problema, porque essas pessoas não vão aceitar qualquer coisa.

DAL MARCONDES

Esse é um dilema. O poder público nem sempre

quer a participação das pessoas. Muitas vezes isso atrapalha os planos do poder público. Não, necessariamente, planos ruins ou bons, mas as intervenções que é como a Terezinha comentou, a cidade ideal do cachorro é a que tem um monte de poste. Não, necessariamente, a que o gato quer.

JOICE BERTH

Desde que você acorda até a hora que você vai dormir, você está fazendo política o tempo inteiro.

Falo isso no meu livro *Empoderamento*. Falo que a política não é só no parlamento, nas casas legislativas. Política a gente faz o tempo inteiro, porque a política organiza a sociedade, a política é mediação de conflitos. Então, vai ter que mediar com os cachorros, quantos postes dá para colocar, porque os gatos também querem a parte deles e outros querem a sua parte. Fazer política também é fazer essa mediação. Quando as pessoas entenderem que política, desde que você acorda até a hora que você vai dormir, você está fazendo política o tempo inteiro, começa também a pensar em estratégias de participação:

Olha, eu saio do trabalho muito tarde, não posso, então vamos dividir, essa semana vai uma turma, semana que vem vai outra.

Uma coisa que vi quando trabalhei na Câmara Municipal de São Paulo, que vi muito pouco e que gostaria de ter visto muito mais, é o munícipe batendo na porta do seu vereador e cobrando, porque todo cidadão tem esse direito. Se você quiser ir lá na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, escolher uma sala de deputado, bater lá e falar:

Quero prestação de contas, quero saber o que o senhor anda fazendo. O senhor tem um site, como é que posso saber das suas atividades, sua agenda, as propostas, os seus projetos de lei.

Você não tem a população fazendo isso; quer dizer, somos bastante desmobilizados politicamente. Jogamos na mão das instituições e aí fica muito confortável, porque aí eles fazem o que bem entendem.

Vamos lá, vamos pegar a vizinhança aqui, vamos desenhar, vamos escrever um projeto de lei, vamos apresentar para tal vereador para ele dar entrada, porque a gente quer que seja assim. É um direito do cidadão que poucos sabem e menos ainda conseguem acessar, mas que é possível.

DAL MARCONDES

Joice, estamos caminhando para o final da nossa conversa. Já são 21:01, então, quem tiver uma última pergunta, por favor...

MARCIA LAMAS

Queria fazer uma provocação para a Joice no seguinte sentido. Meu nome é Marcia Lomes, sou arquiteta. Não me intitulo urbanista porque pouco estou me envolvendo com a área de urbano, trabalho com acessibilidade, um grupo excluído que a cidade não enxerga, não percebe e sempre é muito difícil. Então, dentro dessa questão dos vieses inconscientes, que é o que a gente está fazendo, sensivelmente, cada um de nós, se a gente for provocado aqui, cada um de nós tem um pouquinho desse viés inconsciente que ainda não tem

consciência dele e só percebemos no momento que a gente entra em contato com esse grupo.

A minha questão é: entre gatos e cachorros, o que fazer para todos perceberem que precisamos de uma única cidade? Querendo, ou não, postes ou caixas de areia, todos precisamos viver na mesma cidade. Eu te pergunto isso, Joice, porque sou de Niterói, no estado do Rio de Janeiro. A gente está em plena renovação de plano diretor e as audiências são escandalosamente assim: "farinha pouca, meu pirão primeiro". E aí ninguém pensa a cidade como coletividade. É muito bonito ter o título de quarta cidade em processo de cidade inteligente, mas cidade é para a pessoa, não é para uma inteligência artificial. Como nós, que somos da academia, podemos trazer em nossos discursos o entendimento de que temos que trazer o olhar para a cidade, para o coletivo e não para o meu interesse, para o interesse do fulano, para o interesse do sicrano.

Que a gente não tenha um deputado enchendo a boca: "Porque vou fazer moradia social". Quando,

na verdade, ele não vai fazer nada, vai fazer como todos os outros que vão usar a moradia social como argumento de mais uma renovação de candidatura.

Então, a minha questão com você, Joice, é:

- Como fazer com que as pessoas pensem a cidade, não o poste, não a caixa da areia, não apenas preocupações com a mulher negra, a mulher branca. Como fazer as pessoas pensarem a cidade?

Eu gostaria que você me desse uma... pelo menos... uma ilusão.

JOICE BERTH

Aposto no caminho de compreensão do quanto o coletivo é altamente impactante na vida de todo o mundo e, por isso mesmo, a gente tem que pensar sempre na experiência de todos, não de uma única pessoa.

Olha, é bem difícil, é bem difícil mesmo. Acho

que a gente pode pensar em como desenvolver materiais gráficos que consigam fazer com que a pessoa visualize o quanto a fragmentação é negativa, sabe? Sei lá, através do desenho. Vou pesquisar mais sobre esse tema, porque percebo que, para a grande maioria das pessoas, quando conseguem enxergar o problema como se ele estivesse acontecendo, acho que isso é uma coisa da cultura nossa aqui, do brasileiro. A água precisa bater no traseiro para que a gente entenda a gravidade do negócio.

Na pandemia, ouvimos tudo o que os arquitetos urbanistas sempre falaram sobre a questão da salubridade das moradias. Todo mundo visualizou aquilo. Os efeitos disso a gente ainda não sabe, mas pelo menos as pessoas viram que não era uma bobagem a relação arquitetura e urbanismo. A cidade precisa ser pensada com mais solidariedade!

Acredito que podemos pensar em como fazer com que as pessoas enxerguem ou sintam, de alguma forma, os problemas urbanos que nos

afetam. Acho que exercícios interativos podem ajudar. Devem existir países onde há uma transformação urbana diferenciada.

Tem o urbanismo tático⁵⁴, por exemplo, ainda não me aprofundei nisso. Conheci uma pessoa no Rio, em um evento, uma pessoa que é da UFRJ e tem trabalhado a questão do urbanismo tático. Acho que, talvez, esse seja um caminho interessante para pensar como a gente pode fazer, porque o habitante tem que ter uma experiência que dê um chacoalhão nele para ele entender que não vive sozinho.

E quando falo de cidades, é sempre coletividade. Acho que os discursos do panafricanismo que sempre colocam a sociedade em uma perspectiva coletiva, que as pessoas ainda não entenderam muito bem isso. No próprio movimento negro, como o Marcelo estava falando, sobre as fragmentações internas, a gente fala em sororidade, em coletividade, ancestralidade, mas as pessoas ainda estão engatinhando no entendimento mais profundo do que isso significa.

Mas aposto nesse caminho de compreensão do quanto o coletivo é altamente impactante na vida de todo mundo e, por isso mesmo, a gente tem que pensar sempre na experiência de todos, não de uma única pessoa.

Gosto muito de fábulas, de ditados... Tem um livro muito legal de uma filósofa de Burkina Fasso⁵⁵ chamada Sobonfu Somé⁵⁶, no qual ela fala sobre o espírito da intimidade. Fala do amor em uma perspectiva de relacionamento, de casamento, mas é interessante perceber o quanto que, para eles, para aquela cultura ali específica, a perspectiva dos relacionamentos é extremamente coletiva. Tanto que, quando tem uma crise do casal, são as famílias que se sentam para conversar, para tentar entender como vão ajudar esse casal a sair daquela crise.

Acho isso muito interessante. É uma perspectiva de muitas culturas, da Nigéria⁵⁷, da Burkina, de Guiné-Bissau⁵⁸, enfim, algumas culturas africanas que têm ferramentas para ajudar as pessoas a compreenderem que o coletivo funciona mais do

54 URBANISMO TÁTICO

EDUARDA TOSCANO DE CARVALHO

1. Intervenções temporárias, individuais ou coletivas, que tratam problemas urgentes com efeito imediato, reagindo ao urbanismo usual e promovendo o direito à cidade e a justiça social;
2. ações urbanas de curto prazo que podem servir como referência para uma intervenção de longo prazo;
3. práticas urbanas, em diferentes escalas, aplicadas como uma reação contra a soberania do Estado-capital que rege a criação das cidades e a manifestação da vida nos espaços públicos.

ARQUITETURA E URBANISMO DA ATUALIDADE / GLOSSÁRIO

<https://www.atualidades-fauunb.org/glossario-urbanismo-tatico>

URBANISMO TÁTICO: X AÇÕES PARA TRANSFORMAR

CIDADES

ADRIANA SANSÃO FONTES, JOÃO PEDRO PINA, LARISSA MARTINS DE PAIVA

Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2021.

URBANISMO TÁTICO 2

MIKE LYDON, EDITOR E AUTOR DO PROJETO

DAN BARTMAN, EDITOR/ DESIGNER GRÁFICO

TONY GARCIA, COLABORADOR

RUSS PRESTON, COLABORADOR

RONALD WOUDESTRA, COLABORADOR

https://educacaoeterritorio.org.br/wp-content/uploads/2016/11/TacticalUrbanismVol2_Portuguese-min.pdf

55 Burkina Fasso é um país africano limitado a oeste e a norte pelo Mali, a leste pelo Níger, e a sul pelo Benim, pelo Togo, por Gana e pela Costa do Marfim. Sua capital é a cidade de Uagadugu (em francês: Ouagadougou). Sua área territorial abrange 274 200 km² com uma população estimada de mais de 15 757 000 de habitantes. A região noroeste do país foi povoada entre 14 000 e 5 000 a.C. por caçadores-coletores. Assentamentos agrícolas apareceram entre 3 600 e 2 600 a.C. O cerne do que é atualmente o Burkina Fasso foi composto principalmente pelos reinos Mossi. Esses reinos Mossi se tornariam um protetorado francês em 1896. No final do século XIX, como consequência da corrida europeia à África, a região do atual Burkina foi ocupada e anexada pela França, condição que se manteve até 1960 quando recuperou sua independência da potência colonial europeia. Entre 1960 e 1984 foi conhecido como República do Alto Volta. Em 4 de agosto de 1984 abandonou a denominação herdada do período colonial, passando a se chamar Burkina Fasso. O país é membro da União Africana, da Comunidade dos Estados do Sahel-Saara, da Organização Internacional da Francofonia, da Organização da Conferência Islâmica e da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental.

WIKIPÉDIA 20.05.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Burkina_Fasso

56 Sobonfu Somé (falecida em 2017) foi uma professora e escritora burkinabe, especializada em temas de espiritualidade. Escreveu três livros: o primeiro, *The Spirit of Intimacy*, analisa os

que o individual.

No próprio livro *Empoderamento* estou falando sobre isso: não existe empoderamento individual, é simbiótico. Eu não sou empoderada se o meu grupo não está empoderado e o meu grupo não é empoderado se cada um de nós não se empoderar para fazer essa somatória. Então, é simbiótico. Quem entende empoderamento também está trabalhando a visualização dessa perspectiva coletiva e é o maior desafio de explicar empoderamento para a turma. Porque todo mundo é empoderado, empoderado individual, e o grupo que se dane. E não é bem assim.

DAL MARCONDES

Joice Berth, realmente, eu ficaria mais tempo aqui, ficaria conversando com você durante algumas horas, porque acho que você pegou algumas coisas dentro de mim e chacoalhou, me fez parar para pensar, para refletir sobre a minha inserção no mundo e se estou, realmente, no lugar onde acho que estou. Fiquei em dúvida, estou com grandes dúvidas e sugiro, fortemente, a todos, que

leiam *Se a cidade fosse minha*, o livro da Joice. É um livro que realmente tira a gente da zona de conforto ao nos colocar com um olhar que tem um viés, tem uma transversalidade com que não estamos muito habituados a trabalhar... por "n" motivos. Cada um de nós tem um jeito de olhar para as coisas, então, cada um de nós vai se sentir incomodado ou confortável com alguma coisa. Agradeço muito à Joice pela oportunidade que ela nos deu de conversar com ela. Vou devolver a palavra para a Terezinha.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Na verdade, é o Sesc mesmo que se encarrega de fazer isso, mas eu quero aproveitar o tempo só para agradecer outra vez, Joice e a todos vocês, todas vocês e convidar para amanhã. Seguimos a conversa amanhã, não mais esticando a ideia da cidade, mas pensando em população, em alimentação, economia, saúde. Dal vai estar de novo conosco e teremos Lúcia Helena Oliveira como a palestrante da noite. Vamos aguardar todos vocês e desejamos uma noite muito boa para todo mundo.

relacionamentos e a intimidade através das lentes da espiritualidade e dos ensinamentos africanos. Fundou a organização Wisdom Spring para ensinar a espiritualidade africana aos ocidentais e para fornecer água potável às aldeias da África Ocidental. Sobonfu Somé escreveu sobre a cultura africana, com foco nas interpretações dela e de seu marido das tradições espirituais dagara para uso pelos ocidentais. Uma história que ela contou foi que, durante uma cerimônia de nomeação, sua mãe foi colocada em um estado de transe, no qual ela e os mais velhos da comunidade adivinharam o propósito de vida de Sobonfu. Ela disse que os mais velhos deram a ela, a criança ainda não nascida, o nome de Sobonfu, que significa "Guardiã do Ritual", com base nessa experiência.

WIKIPÉDIA 20.05.2024

https://en.wikipedia.org/wiki/Sobonfu_Som%C3%A9

57 A **República Federal da Nigéria** é uma república constitucional federal que compreende 36 estados e o Território da Capital Federal. O país está localizado na África Ocidental e compartilha fronteiras terrestres com a República do Benim a oeste; com Chade e Camarões a leste e com o Níger ao norte. Sua costa encontra-se ao sul, no Golfo da Guiné, no Oceano Atlântico. O país tornou-se independente em 1960, mas mergulhou em uma guerra civil, vários anos depois. Desde então, alternaram-se no comando da nação governos civis democraticamente eleitos e ditaduras militares, sendo que apenas as eleições presidenciais de 2011 foram consideradas as primeiras a serem realizadas de maneira razoavelmente livre e justa. A Nigéria é muitas vezes chamada "o gigante da África", devido à sua grande população e economia. Com cerca de 210 milhões de habitantes, é o país mais populoso do continente e o sexto país mais populoso do mundo. A nação africana é habitada por mais de 500 grupos étnicos, dos quais os três maiores são os hauçás, os ibos e os iorubás. O país é dividido ao meio entre cristãos, que em sua maioria vivem no sul e nas regiões centrais, e muçulmanos, concentrados principalmente no norte. Uma minoria da população pratica religiões tradicionais e locais, como as religiões ibo e iorubá.

WIKIPÉDIA 20.05.2024

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Nig%C3%A9ria>

58 A **República da Guiné-Bissau** é um país da África Ocidental que faz fronteira com o Senegal ao norte, Guiné-Conacri ao sul e ao leste e com o oceano Atlântico a oeste. O território guineense abrange 36.125 km² de área, com uma população estimada de dois milhões de pessoas segundo o censo de 2009. A Guiné-Bissau fazia parte do reino de Gabu, bem como parte do império do Mali. Partes desse reino persistiram até o século XVIII, enquanto algumas outras estavam sob domínio do império português desde o século XVI. No século XIX, a região foi colonizada e passou a ser conhecida como Guiné Portuguesa. Após a independência, declarada em 1973 e reconhecida em 1974, o nome de sua capital, Bissau, foi adicionada ao nome do país para evitar confusão com a Guiné (a antiga Guiné Francesa) e a Guiné Equatorial (antiga Guiné Espanhola). Foi a primeira colônia portuguesa no continente africano a ter a independência reconhecida por Portugal.

WIKIPÉDIA 20 05 2024

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Guin%C3%A9-Bissau>

JOICE BERTH

Muito boa noite também. Agradeço muito a atenção de vocês. Espero que tenham várias sementinhas aí plantadas...

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Tomara.

JOICE BERTH

Com certeza vocês vão germinar muita coisa boa.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Sem dúvida. Registre aqui no chat que teve gosto de quero mais. Beijo para todo mundo.